

MULHERES ASSENTADAS NA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: TRABALHO, COOPERAÇÃO E EXPRESSÕES DE PROTAGONISMOS

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante¹

Henrique Carmona Duval²

Thauana Paiva de Souza Gomes³

Resumo: O artigo retrata, com base nos dados quantitativos da pesquisa INCRA/UNIARA, o papel das mulheres na produção agropecuária, nas agroindústrias caseiras e em atividades não-agrícolas dos assentamentos da região Central, como também dados sobre o crédito Apoio Mulher, linha específica para projetos coletivos de mulheres. Logo após, seguem-se dados qualitativos – notadamente etnográficos – advindos da pesquisa de campo nos assentamentos da microrregião de Araraquara, com mulheres em diferentes situações de trabalho. Com eles procuramos mostrar, sem esgotar, a diversidade de situações que as mulheres encontram para aliar suas atividades domésticas às produtivas, dentro e fora dos lotes familiares e as estratégias de formação de grupos associativos, formais e informais, através dos quais elas buscam mais intensamente apoio de agentes externos e formas de agregar valor à produção por meio da agroindustrialização comunitária. A formação de grupos indica ainda possíveis formas de organização política que dão protagonismo produtivo às mulheres no interior dos assentamentos.

¹Socióloga, pesquisadora 1A CNPq, coordenadora do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA e do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (Nupedor).

²Sociólogo. Doutorando em Ciências Sociais, IFCH/UNICAMP. henriquecarmona@hotmail.com

³Mestre em Educação pela FCL/Unesp-Araraquara e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (Nupedor).

Palavras-chave: Relações de gênero; Papel das mulheres; Grupos produtivos.

Abstract: *The article depicts the role of women in agricultural production, in homemade food products and in non-agricultural income-generating activities developed in the settlements of the Central region. This study is based on quantitative research data from the INCRA/UNIARA survey, and likewise includes characteristics of the Apoio Mulher project, a specific credit line available to women's collective projects. Subsequently, qualitative data – particularly ethnographic – from field research in the settlements in the region of Araraquara with women in different work situations were described as well. These data were used to show, but not exhausting, the different challenges facing women in adapting a range of domestic and production activities, inside and outside the family plots, and the strategies they use to form community groups, both formal and informal, in an attempt to obtain support from external agents and to find ways to add value to the production through the community agro-industrialization. The formation of groups also indicates possible forms of political organization that recognizes women key role in production within the settlements.*

Keywords: *Gender relations; The role of women; Productive groups.*

Introdução

O presente artigo talvez seja um dos trabalhos que melhor represente nossas perspectivas de discutir o desenvolvimento nos assentamentos a partir de dados quantitativos, mas com seus devidos aprofundamentos qualitativos. Trata-se de um recorte bem específico na relação assentamento e desenvolvimento, sobre o papel e os lugares das mulheres assentadas e de desmistificar a invisibilidade do trabalho feminino, como tem sido feito em vários estudos sobre as mulheres do campo⁴, procurando qualificar seus papéis nos assentamentos.

Para esta discussão, partimos de uma abordagem relacional de assentamentos e desenvolvimento, que não seja ditada por uma lógica externa, nem implique numa subordinação a um sistema de controles e de poderes. Trata-se de caminhos para o desenvolvimento que impliquem em sustentabilidade agrícola, garantia da qualidade de vida dos sujeitos e de respeito as suas singularidades analisadas nestas reflexões pela dimensão de gênero.

⁴Woortmann, 1993; Brumer, 2005; Brasil, 2006; Butto, Hora, 2009, dentre outros estudos.

Em nossa perspectiva, o desenvolvimento pode ser considerado como um processo de recuperação de auto-estima, de aprimoramento das habilidades e capacidades, podendo levar ao empoderamento daqueles que participam e assumem esses processos. Busca-se aqui qualificar melhor a dimensão de gênero no bojo dessa perspectiva. Pesquisar relações de gênero no meio rural, sobretudo no contexto da reforma agrária, possibilita conhecer a realidade dos assentamentos não unicamente sob o enfoque socioeconômico, mas também das relações estabelecidas no cotidiano destes assentamentos que, além de moldarem as vidas existentes no local, também repercutem nas esferas, pública e econômica, regionais. Ao pesquisar a estrutura organizativa de um assentamento, vem à tona as necessidades dos sujeitos ali inseridos, mulheres, homens, jovens e idosos, exigindo dos órgãos públicos a criação de políticas públicas que assegurem a emancipação de todos os sujeitos. Isso significa, de forma particular para nós, trazer à luz a participação das mulheres nesta luta pelo direito a acesso e permanência na terra, bem como discutir a concepção que permeia a formulação das políticas públicas dirigidas às mulheres.

Preocupações estas centradas na categoria de trama de tensões (FERRANTE, 2010), constituída pelas relações travadas entre distintos atores, sendo destacados, neste estudo, as mulheres assentadas e os diferentes mediadores, tanto das políticas públicas e das possíveis alternativas econômicas, como os próprios homens assentados. O confronto desses atores nos espaços sociais de disputa e constituição das políticas públicas é gerador dessa trama de tensões, opondo interesses e racionalidades diversas, mediante distintos projetos, compromissos, estratégias e costumes.

São as relações das mulheres no âmbito da família (na casa e no lote produtivo), com os órgãos gestores, com representantes do poder local, com o movimento sindical, com o MST, que precisam ser analisadas em suas possibilidades e dimensões conflituosas. A trajetória das mulheres nos distintos tempos de assentamentos, a busca continuada da diversificação, a responsabilidade maior no autoconsumo, por ela ser provedora da alimentação das famílias, a posição assumida nos momentos de confrontos, na politização de espaços de sociabilidade, na busca de organizar/reorganizar estratégias familiares, compõem esse movimento descontínuo de aceitação e de recusa aos modelos instituídos.

Discutir a tessitura de uma trama de tensões sociais, a partir da prática das assentadas rurais, cuja racionalidade social transita numa relação complexa entre resistência e acomodação, remete-nos à história viva de trabalhadoras que, estando numa posição estrutural de subalternidade social, organizam estratégias

– individuais ou coletivas – cuja consecução, senão amplamente transformadora das relações sociais e das desigualdades de gênero, revelam aspectos inovadores e singularmente determinantes da realidade da qual participam como sujeitos.

Para adentrar neste debate, o artigo traz, primeiramente, dados quantitativos da pesquisa INCRA/UNIARA sobre o papel das mulheres na produção agropecuária, nas agroindústrias caseiras e em atividades não-agrícolas dos assentamentos da região Central, como também dados sobre o crédito Apoio Mulher, linha específica para projetos coletivos de mulheres. Logo após, seguem-se dados qualitativos – notadamente etnográficos – advindos da pesquisa de campo nos assentamentos da microrregião de Araraquara. Com eles procuramos mostrar, sem esgotar, a diversidade de situações que as mulheres encontram para aliar suas atividades domésticas às produtivas, dentro e fora dos lotes familiares e as estratégias de formação de grupos associativos, formais e informais, através dos quais elas buscam mais intensamente apoio de agentes externos e formas de agregar valor à produção por meio da agroindustrialização comunitária. A formação de grupos indica ainda possíveis formas de organização política que dão protagonismo produtivo às mulheres no interior dos assentamentos.

Banco de dados quali-quantitativos na região de Araraquara: a importância das mulheres nos sistemas produtivos, contestando invisibilidades

Passamos a apresentar dados quantitativos advindos da pesquisa Estadual entre UNIARA e INCRA/SP. Destacamos que os dados aqui utilizados caracterizam os sistemas produtivos nos assentamentos e a participação das mulheres assentadas nos principais cultivos vegetais, criações animais, agroindústrias e atividades não-agrícolas.

Produção Vegetal

A tabela abaixo demonstra que dentre as culturas produzidas nos assentamentos da Região Central, as que mais aparecem são as frutas (21%), seguidas de perto pelos cereais (feijão, arroz, milho e soja, com 20% ao todo), pela horticultura (20%) e pelo cultivo de mandioca e outros tubérculos (18%).

Outros cultivos presentes são: 1% cultivo da vassoura, 6% são cultivos de cana-de-açúcar, 5% são cultivos de eucalipto, 4% são cultivos de café, 2% de pastagens e 3% com outras culturas não especificadas anteriormente. Vale lembrar que muitos assentados plantam cana com contratos com usinas da região, como em Araraquara e em Colômbia, porém muitas vezes essa informação é omitida

porque a prática não é legalizada pelo INCRA e os 6% representados abaixo como cultivo de cana, se referem mais ao trato dos animais.

Tabela 1 – Culturas produzidas.

	Representatividade (%)
Cultivo De Cereais	20
Cultivo De Vassoura	1
Cultivo De Cana-De-Açúcar	6
Cultivo De Eucalipto	5
Horticultura	20
Cultivo De Frutas	21
Cultivo De Café	4
Cultivo De Mandioca E Outras Tuberculos	18
Pastagem	2
Outras Não Específicas Anteriormente	3

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Considerados os quatro primeiros grupos de alimentos (frutas, cereais, horticultura e raízes), podemos afirmar que a parte destinada ao autoconsumo é alta e que se trata de uma produção que além de consumida pelas próprias famílias é em grande medida comercializada em programas institucionais e feiras, além de se inserir numa rede de trocas de alimentos no interior dos assentamentos. Consideramos ainda que todos eles são alimentos enraizados na dieta da população, por isso podem ser aproveitados de diversas maneiras no interior do lote e nas formas de comercialização, o que aumenta a variabilidade da destinação desses produtos e os tornam estratégicos para as famílias assentadas.

A tabela a seguir revela quem cuida das produções nos lotes e percebe-se uma frequente atuação das mulheres no trabalho, na verdade, um complementaridade entre o casal no trabalho agrícola. Ressalta-se a participação dos filhos como responsáveis pelo trabalho agrícola em significativa porcentagem que varia entre 14% e 18% nos principais cultivos vegetais.

Tabela 2 – Quem cuida das culturas.

	Representatividade (%)								
	Cereais	Vassoura	Cana-de-açúcar	Eucalipto	Horticultura	Frutas	Café	Mandioca	Pastagem
Homem	47	100	31	59	37	45	57	43	57
Mulher	32	0	31	27	37	33	29	36	29
Filhos	16	0	19	7	18	14	14	17	0
Pais/Sogros	2	0	6	7	5	4	0	2	0
Outros	3	0	13	0	3	4	0	2	14

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A tabela também mostra que a horticultura nestes assentamentos é de responsabilidade compartilhada entre homens e mulheres, cada um com 37% dos casos. Interessante porque esta é a produção vegetal mais intensiva em mão de obra e a que mais se insere no mercado institucional aberto por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)⁵. Uma hipótese é que, na medida em que os programas de compra do governo ganham relevância econômica, os homens passam a ter maior visibilidade, apropriando-se, na maioria das vezes, dos lugares que vinham sendo de comando das mulheres, como no caso das hortas que outrora eram voltadas apenas ao consumo da família. Já na produção de mandioca e outras tuberosas a diferença é de apenas 7%, ou seja, 43% dos homens contra 36% das mulheres. No cultivo de frutas, essa diferença sobe para 13%. No caso dos cereais, 48% dos responsáveis são os homens e 32% são as mulheres, talvez por se tratar da menor intensidade de mão de obra dentre as 4 principais produções vegetais (já que várias etapas produtivas dos

⁵Os demais principais cultivos vegetais igualmente se inserem no mercado institucional, embora com menor intensidade.

cereais são feitas por máquinas).

As maiores diferenças entre os gêneros na produção vegetal nos lotes ficam por conta da produção de eucalipto, café e pastagem. No caso do café, podemos afirmar que embora a produção seja mais de responsabilidade dos homens, a comercialização na maior parte das vezes é responsabilidade das mulheres. No assentamento Zumbi dos Palmares, por exemplo, aplicamos um questionário em um lote, cujos titulares (homem e mulher) plantam, torram, moem e ensacam café. No dia da nossa visita, a mulher não pôde ficar porque era o dia de entregar o café na prefeitura e ela teve que sair às pressas para aproveitar uma carona, enquanto o homem e uma agregada ficaram nos atendendo⁶.

Produção Animal: as mulheres no comando

Com relação ao sistema de criação animal dos assentamentos da região Central, podemos perceber que prevalece a produção de leite e a criação de pequenos animais como aves e suínos. A tabela a seguir mostra que quase 60% de toda produção animal dos assentamentos da região são referentes à criação de aves e suínos, 35% e 23% respectivamente. E a produção de leite aparece em 15% dos casos.

Com menor destaque aparecem as criações de equinos com 4%, seguido da criação de bovinos de corte e abelhas, ambos com 2%. Ainda aparece Caprino-Ovinos e a piscicultura com 1% e outras criações com 2%, que no caso são coelhos e patos. Outro dado importante que deve ser observado neste gráfico é com relação ao não se aplica, que mostra que dos 60 questionários aplicados nessa região, apenas 15% não possuem nenhum tipo de criação animal em seus lotes.

⁶Não poderíamos deixar de ilustrar que essa agregada é uma mulher que foi expulsa do seu lote pelo marido. Segundo os entrevistados, isso aconteceu porque o marido arrumou outra mulher. Ela não tinha para onde ir, estava morando de favor e ajudando no trabalho do lote desses amigos. A mulher acompanhou a conversa de outro cômodo da casa, quase não nos olhou no rosto e não disse uma palavra, a não ser concordar quando o assentado nos contou sua situação.

Tabela 3 – Criação animal.

	Representatividade (%)	
	Sim	Não
Bovino de corte	5	95
Bovino leiteiro	28	72
Aves	68	32
Suíños	43	57
Caprinos e Ovinos	2	98
Abelhas	2	98
Piscicultura	3	97
Equinos	8	92

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Com relação à destinação das principais criações animais e seus subprodutos, como o leite, prevalece o autoconsumo. Na comercialização, prevalece a venda ocasional nos mercados internos dos assentamentos e nos municípios do entorno. No mercado institucional há uma série de entraves a serem superados, como maior financiamento na agroindustrialização, na formação dos assentados e na inclusão da produção com características artesanais nos municípios, por meio de legislação sanitária pertinente.

Analisando a questão dos responsáveis pelas criações descritas acima, podemos observar a grande importância do papel da mulher na condução de todo processo produtivo das pequenas criações (aves e suínos) e também na produção de leite. Com relação à criação de aves, as mulheres são as maiores responsáveis, aparecendo em 40% dos casos, enquanto os homens representam 38% e os filhos, 15%. A análise dos responsáveis pela criação de suínos mostra cenário parecido, no qual 44% é representado pelas mulheres, 42% pelos homens, os filhos aparecem com 12% e outros com apenas 2%. Na bovinocultura de leite é possível constatar o maior envolvimento da família na produção, os homens aparecendo como 43% dos responsáveis, seguido das mulheres com 29% e os filhos com 21%, em menor representatividade aparecem ainda pais/sogros e outros, ambos com 4%. Através da pesquisa de campo foi possível observar que na categoria outros, se enquadram normalmente netos (as), sobrinhos (as), cunhados (as) e tios (as).

Tabela 4 – Quem cuida.

	Representatividade (%)							
	Bovino de Corte	Bovino Leiteiro	Aves	Suínos	Caprinos e Ovinos	Abelhas	Piscicultura	Equinos
Homem	75	42	38	42	100	0	33	30
Mulher	25	29	40	44	0	100	33	40
Filhos	0	21	15	12	0	0	0	30
Pais/Sogros	0	4	3	0	0	0	33	0
Outros	0	4	4	2	0	0	1	0

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Neste processo, destaca-se o reaproveitamento dos alimentos e outras práticas agrícolas alternativas. A sobra da alimentação da família se transforma em lavagem para os porcos e alimentos para as galinhas, além de se transformar em adubo para as plantas. Tais dados ajudam a desfazer a invisibilidade que impregna o trabalho feminino.

Já as demais criações (caprinos, abelhas, piscicultura e eqüinos) apresentam um número bastante reduzido de produtores. No caso da criação de caprinos e ovinos, por exemplo, apenas um produtor dos sessenta entrevistados da região Central trabalha nesta atividade. Por outro lado, na criação de abelhas, 100% dos responsáveis são mulheres. Já na piscicultura a responsabilidade é dividida entre o homem, a mulher, pais e sogros, sendo cada um deles 33% dos responsáveis. O número referente à criação de equinos mostra que as mulheres são as maiores responsáveis, com 40% do total, seguido dos homes e filhos, cada um com 30%.

Agroindústria e Produção não agrícola: lugares atribuídos às mulheres

A presença de agroindústrias é pouco frequente na região estudada, apenas 15 assentados disseram que têm. Conforme os gráficos a seguir, nos casos existentes, predominam os laticínios, com boa margem de vantagem sobre a fabricação de outros produtos alimentícios. Cabe ressaltar a participação das mulheres que têm sido, em maioria, as protagonistas das agroindústrias (em 60% dos casos), especialmente da produção de alimentos, o que reforça seu papel nas perspectivas de garantir segurança alimentar de sua família e do entorno.

Tabela 5 – Produção agroindústria.

	Representatividade (%)
Laticínios	46
Moagem, produtos amiláceos e alimentos para animais	7
Outros produtos alimentícios	23
Conservas de frutas, legumes e outros vegetais	8
Torrefação e moagem de café	8
Outros	8

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Tabela 6 – Quem é o principal responsável pela produção.

	Representatividade (%)
Homem	30
Mulher	60
Filhos	10

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A produção é basicamente artesanal e se dá no espaço da casa, em 92% dos casos, o que é explicável pela própria dificuldade de se ter outros espaços mais sofisticados para a agroindustrialização e pela perspectiva das mulheres associarem esta conquista e sua produção a outras tarefas domésticas pelas quais se responsabilizam. Além disso, existe a discriminação que sofrem dos maridos ao partir para atividades maiores, ficam sempre sob o olhar atento da comunidade e demoram a conquistar legitimidade, que segundo algumas entrevistadas, só vem com persistência e com bons resultados financeiros.

Este mesmo percentual (92% dos casos) refere-se a agroindústrias que não têm selo de inspeção, o que revela igualmente que o investimento na agroindústria familiar não é prioridade na agenda das políticas públicas federais, nem dos programas municipais dirigidos à agricultura e aos assentamentos. Esta dificuldade acaba por impedir a entrada da produção animal nos programas de compras governamentais.

A tabela a seguir revela a predominância do autoconsumo no destino da produção da agroindústria (em 35% dos casos), seguida bem de perto pela venda direta (31%), pela merenda (17%), pelo PAA (13%) e pela venda ao atravessador (em apenas 4% dos casos). A produção nessas agroindústrias familiares é voltada ao fabrico de produtos para consumo das próprias famílias

e o excedente mais comercializado no mercado interno do assentamento e em feiras. Com o advento de programas como o PAA e o PNAE, agora vem crescendo a comercialização para o mercado institucional, no entanto pode estar revelando um mercado igualmente mais restritivo aos produtos de características mais artesanais.

Tabela 7 – Destinação da produção agroindustrial.

	Representatividade (%)
Autoc onsumo	35
Merenda	17
PAA	13
Venda direta	31
Atravessador	4

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A respeito da renda mensal do pessoal ligado à agroindústria, expressa em salários mínimos, os dados apontam um equilíbrio entre a faixa de até um salário mínimo (37%) e o segmento de um a dois salários (36%), sendo significativa a porcentagem dos que não souberam informar, o que revela a pouca familiaridade dos assentados com a lógica contábil expressa em valores monetários. Mesmo assim, 72% dos que possuem agroindustrialização de produtos nos lotes puderam mensurar uma renda mensal. A maioria consegue de 1 a 2 salários mínimos por mês e 9% de 2 a 3 salários mínimos por mês⁷.

⁷Estes dados sobre a renda advinda da atividade de agroindustrialização não foi aplicada no caso das demais produções até aqui mencionadas por conta de que foi verificado que a renda total é uma composição que envolve trabalho no lote, fora do lote e recebimento de benefícios sociais, nem sempre especificada pelos entrevistados. A renda advinda das produções no lote tem igualmente uma variabilidade muito grande em função das diferentes épocas do ano, recebe-se por comercialização da safra, diferentemente da agroindústria caseira e das atividades não agrícolas quando os assentados entrevistados conseguiram mensurar um recebimento médio mensal.

Tabela 7 – Renda mensal Agroindústria.

	Representatividade (%)
Até um salário mínimo	37
Um à dois	36
Dois à três	9
Não sabe	18

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Por outro lado, as famílias assentadas da região não realizam atividades não-agrícolas em 88% dos casos. Aparece um pequeno percentual (3%) que se dedica à fabricação de produtos têxteis e outros 9% atividades com diferentes tipos de artesanato. No caso do exercício da atividade não-agrícola o mesmo é individual em mais de 80% dos casos. Tem destaque a participação das mulheres (em 67% dos casos), pois elas são as maiores responsáveis por costurar, bordar e fazer artesanato, que foram as atividades não agrícolas citadas. Cabe ressaltar que existe um percentual significativo de mulheres que trabalham como assalariadas, geralmente como empregadas domésticas e/ou diaristas na cidade.

Por outro lado, a realização de atividades não-agrícolas garante até um salário mínimo em 50% dos casos, de um a dois em 25% e de três a cinco nos 25% restantes, demonstrando que são atividades que têm grande relevância na composição da renda das famílias que fazem, bem como a relevância do conhecimento em costurar e bordar das mulheres.

No entanto, reflexões que apontam a maior importância das atividades não-agrícolas na permanência dos assentados na terra e no futuro dos assentamentos não se aplicam nesta região. Apesar de não serem predominantes, as atividades não agrícolas contam nas estratégias de reprodução social postas em prática pelos assentados.

Reafirmamos, tais dados reforçam as reflexões que têm apontado a importância do autoconsumo no modo de vida dos assentados, reforçando as análises que apontavam a necessidade de inserir o autoconsumo nas ponderações sobre renda, o que exige a sua abordagem igualmente pelo prisma não diretamente monetário (já que o consumo desses produtos representa tanto uma economia monetária como uma renda a mais pela comercialização do excedente). A visibilidade do autoconsumo é um caminho para a valorização da importância do trabalho feminino.

Financiamento e novas perspectivas: espaços conquistados?

De todos os principais cultivos e criações mencionados (cereais, horta, tubérculos, frutas, gado leiteiro, aves, suínos e agroindústria), os dados relativos a financiamento mostram que a grande maioria dos assentados não obteve financiamento direto. O que pôde ser percebido é a existência de um crédito (notadamente o Pronaf A, acessado por 37% dos assentados da região Central) que ajuda a estruturar o lote para se começar alguns cultivos e estruturas produtivas. Outros créditos que auxiliam a estruturação produtiva das famílias são os Primeiros Fomentos e o Apoio Mulher. Os dois primeiros fomentos (parcelas anuais no valor de R\$ 2.400,00 nos dois primeiros anos do assentamento⁸) foram acessados pela maioria dos assentados. 93% dos assentados acessaram o primeiro e 57% acessaram o segundo fomento. Já o terceiro fomento e o apoio mulher têm percentuais bem mais modestos, respectivamente 12% e 32%.

Com relação ao fomento mulher, vale esclarecer que essa é uma modalidade de crédito inicial dos assentamentos e que os assentamentos mais antigos, anteriores ao ano 2000 não tiveram acesso a essa modalidade até janeiro de 2013. Um dado semelhante ao número de mulheres titulares de lotes que acessam outros créditos, pois as políticas voltadas ao gênero feminino, muitas vezes, não dão conta das particularidades e demandas deste grupo. Acessar o crédito resulta em uma opção mais masculina e pouco da mulher. É preciso rever, reformular os créditos voltados a esta categoria visando atender às particularidades deste segmento. O fato do Apoio Mulher ser menos acessado do que os dois primeiros fomentos também deixa clara essa orientação masculina em decidir como será ordenado o lote agrícola.

Outro fator que pesa contra as mulheres ao acessarem o apoio mulher é o formato de sua liberação. Segundo informações dos técnicos de campo, até o ano de 2011 eram três parcelas anuais de R\$ 800,00. Atualmente, o valor da parcela única é de R\$ 3.000,00, sendo permitido o acesso em grupos de mínimo 3 assentadas (antes o mínimo eram 5), o que igualmente modifica a situação anterior. Segundo as mulheres, o valor continua muito baixo, pois impede um investimento mais intenso em alguma atividade produtiva, como no caso do gado leiteiro que exige a aquisição de matrizes e infraestrutura como tanques de resfriamento. Pelo que pudemos verificar em campo, a maioria dos projetos sai

⁸Valores em 2011.

para a produção de gado leiteiro e subprodutos do leite, para fruticultura ou cultivo e processamento mínimo de plantas medicinais.

Algumas vezes, a falta de acesso se dá pela pouca informação disponível sobre o crédito ou ainda pelo fato do marido não querer que ela acesse, já que é um dinheiro que teoricamente ela aplicará no lote, ou em grupo, de forma autônoma. No trabalho de campo pudemos perceber que em alguns casos o crédito é acessado, mas o homem é quem decide onde o dinheiro será aplicado. Outras vezes, como no caso do Pronaf Mulher, o acesso pode ser restrito por conta de endividamentos anteriores dos maridos.

A despeito de como este crédito tem fomentado a formação de grupos de mulheres, pudemos acompanhar, em janeiro de 2013, uma reunião que o INCRA promoveu no assentamento Bela Vista do Chibarro para dar início ao Apoio Mulher (o assentamento é de 1989 e só agora este crédito está sendo disponibilizado). Neste período, iniciaram-se os trabalhos para formação dos grupos interessados em receber o crédito apoio mulher e a articulação e mobilização para aquisição deste crédito ficou a cargo da IBS (Instituto Biossistêmico, empresa que presta assistência técnica no referido assentamento). No entanto, o grupo Pé Vermelho (grupo de jovens do assentamento) ajudou na divulgação.

A primeira reunião aconteceu no dia 25 de janeiro na sede do INCRA, no assentamento, participaram da reunião quarenta mulheres. A reunião contou com participação de um vereador de Araraquara e de um representante da Secretaria de Agricultura.

Foi lido para as assentadas a Instrução Normativa para aquisição e operacionalização do crédito. Depois, os técnicos esclareceram dúvidas e informaram que o crédito seria feito por etapas, sendo a primeira etapa a de sensibilização, a segunda de formação dos grupos, terceira de elaboração e a quarta execução do projeto. Nesta reunião formaram-se vários grupos sendo eles:

Tabela 8 – Grupos temáticos.

Grupo da horta	Constituído por famílias que já atuam neste ramo. Neste grupo é importante observar que poucas mulheres de fato trabalham com horta, todavia seus maridos são grandes produtores de hortaliças, nesse sentido vêm o aproveitamento do crédito como apoio complementar para a produção. O grupo é composto por 14 mulheres.
Grupo da fruta	Esse grupo é formado por mulheres que querem fornecer para os programas governamentais como PAA e PNAE, mas não possuem água para produzir hortaliças. Também nota-se intervenção dos maridos em suas escolhas. A participação do agrônomo da prefeitura foi importante para direcionar quais são as frutas que a prefeitura tem demanda de compra. O grupo é formado por 23 mulheres.
Grupo da novilha	Esse grupo traduz bem a organização familiar no que tange à questão de gênero, pois as mulheres que participam deste grupo estão buscando ampliar a quantidade de animais para satisfazer os maridos, mas esperam serem beneficiadas com recursos do trabalho do beneficiamento do leite. O grupo é formado por 30 mulheres.
Grupo da granja	Aparentemente é o grupo de maior autonomia feminina. Claro que esta autonomia consiste apenas nos cuidados com este tipo de criação, pois no que refere à construção da granja, nota-se a participação efetiva dos maridos inclusive para ditar o que comprar e onde comprar.
Costura e artesanato	Este grupo é formado por apenas 6 mulheres que já trabalham com esta atividade e não têm interferência dos maridos, pois elas já trabalham como costureiras, artesãs e cabeleireiras.
Grupo da panificação	O grupo da panificação é formado por cinco mulheres que têm o desejo de criar uma padaria comunitária no assentamento. Das cinco mulheres, três já participaram de cursos de panificação e uma delas vende seus pães na comunidade. Também no grupo há uma senhora que vai utilizar o crédito para comprar equipamentos para sua lanchonete, pois a mesma já trabalha com a venda de hamburgueses na agrovila.

Fonte: Formulado pelos autores.

De todos os grupos foram eleitas duas procuradoras, que ficaram responsáveis em abrir uma conta no Banco do Brasil quando o recurso estiver disponível. Estas

procuradoras serão responsáveis pela conta, porém não terão acesso direto ao dinheiro. Isto porque depois de elaborados os projetos, serão feitas as licitações. Realizadas as licitações, as procuradoras transferem o dinheiro para os fornecedores, não tendo contato com nenhum valor. Cada assentada assinará um contrato no valor de R\$ 3.000,00 com carência de três anos e vinte anos para pagar, sendo que cada uma delas ficará responsável pelo pagamento do seu crédito.

Um olhar diferenciado para as invisibilidades

Ao pesquisar mulheres protagonistas, inovações e singularidades no cotidiano dos assentamentos também nos deparamos com mulheres "da casa". Estas ao serem acompanhadas por outro olhar que se encontra não em situações de visibilidades, mas "escondidas" no cotidiano que muitas vezes não permite visualizar a criatividade, a diferença e a força que as mesmas exercem no cotidiano familiar e na rotina dos assentamentos. São aquelas que tecem fios por mãos muitas vezes dóceis, outras tantas calejadas pelo trabalho árduo do dia-a-dia, são mulheres que ficam na casa e outras vezes no lote, que cuidam dos filhos, marido e da casa. São aquelas que passam pelo trabalho diário, sem serem evidenciadas.

O estar na casa, o ser da casa e o cuidar da casa representa muito mais do que as atividades domésticas. Representa o ato de ser dona de seu tempo, de seu espaço e principalmente reconhecer-se dona de si.

Muitas mulheres dos assentamentos não se fazem protagonista, mas na medida em que se organizam para atividades cotidianas da casa, para cuidar dos filhos e marido e ainda do lote se fazem proativas e essenciais.

Ao olharmos para estas mulheres não buscando apenas experiências inovadoras ou impactantes, mas a importância de suas ações, sem colocá-las como subalternas, é possível perceber que o modo de vida, os saberes e os cuidados com a casa, com a saúde da família e o lote as colocam como peça fundamental na engrenagem, na lógica do sistema local e, igualmente, no desenvolvimento dos assentamentos.

Isto significa que ao pensarmos nestas mulheres da casa nos deparamos com duas realidades impostas no mesmo ambiente, situação esta que por sua vez, constrói diferentes reconhecimentos desta mulher com o ambiente doméstico e consigo mesma.

Se, de um lado, temos, como tradicionalmente creditado ao espaço da casa, um ambiente aprisionado no que se refere ao tipo de trabalho que é árduo, pesado e não permite folga, por vezes sofrem exigências dos membros que compõem o núcleo familiar, especialmente pelo marido, figura masculina. Aqui o

autoreconhecimento não acontece sobre seu trabalho, mas na realização de ver a satisfação de sua família nas atividades que ela realiza na casa. Dentro de todas as atividades por elas realizadas, muitas das mulheres entrevistadas nesta pesquisa em vários momentos descreviam o cuidado com a alimentação familiar como a tarefa (leia-se trabalho) ou a atividade mais executada por elas. Esta realização e satisfação pode ser verificada na fala de três mulheres em diferentes idades, a primeira, uma jovem mãe que mesmo com jornada dupla se considera mulher da casa; a segunda, uma senhora trabalhadora rural de uma vida toda e a terceira, uma adulta que trabalha em casa e produz pães.

Depoimento 1, a jovem mãe:

Cuido da minha família com muito carinho e amor, mas a educação de meu filho é muito importante...e de tudo que faço a coisa mais importante é a alimentação. Quando chego faço uma jantinha muito gostosa para eles, eu não tenho preguiça de cozinhar...tem gente que tem, mas eu como tive uma vida muito pobre e as vezes faltava comida...eu faço mesmo tudo gostoso para eles! (GOMES, Diário de campo 2/3/13)

Depoimento 2, a senhora:

Ao questioná-la sobre a atividade mais importante que faz em casa imediatamente respondeu: "a comida! porque quando a fome aperta eles (referindo aos filhos) vem correndo" (GOMES, Diário de campo 2/3/13).

Depoimento 3, a produtora de pães caseiros:

Nas palavras dela "Tratar bem deles (filhos, netos e marido) é fazer uma boa alimentação, mas tem que ter carne porque eles são muito carnívoros...mas acho que é melhor a diversidade"(GOMES, Diário de campo 2/3/13).

Como apurado nestes depoimentos as mulheres se reconhecem e reconhecem na satisfação dos filhos ou do marido sobre o alimento, sua atividade mais importante no cotidiano da casa.

Mas há também o outro aspecto da autorealização que se apresenta como revelador no que se refere à sensação das mulheres com relação a sua autonomia na casa, de como e quando realizar suas atividades. Trata-se de se reconhecer

como dona de seu espaço e fazer deste um lugar no qual se pode "ser dona de si".

Nas falas destas mesmas mulheres, é possível entender o que significa estar e realizar as atividades da casa. Neste ambiente e nestas atividades se sentem livres para administrar o seu tempo e espaço, esta liberdade pode ser percebida no questionamento sobre sentir-se realizada como sendo mulher da casa. Nos depoimentos verificou-se o quanto se realizam:

Depoimento 1 jovem mãe:

Gosto de ter a casa limpa e ver minha família feliz, pois sou uma verdadeira dona de casa!... cuido da minha família com muito carinho e amor... Mas, sabe ter casado e ter filho...disso não me arrependo nenhum pouco!" (GOMES, Diário de campo 2/3/13).

Depoimento 2, a senhora:

Ao questioná-la sobre sentir-se realizada com as tarefas domésticas ela disse gostar muito do que faz...mas fez advertências "já não é como antes porque a juventude tem saúde e disposição, na minha época com 70 anos já estou cansada antes eu tinha mais saúde...mas também a gente não tinha fogão, geladeira e como tinha que trabalhar o dobro hoje estou gasta! Acho estranho as mulheres de hoje dizerem que estão cansadas!" (GOMES, Diário de campo 2/3/13).

Depoimento 3, a produtora de pães:

Ao perguntar a ela se sentia-se realizada nas atividades domésticas respondeu: "Gosto, porque estou acostumada, não posso fazer outra coisa...". (GOMES, Diário de campo 2/3/13).

Nesta perspectiva de entender seu trabalho valorativo apenas para a realização do outro, fato que pode ser verificar no dia-a-dia, quando, de alguma maneira, estas mulheres faltam às suas atividades, sejam pela impossibilidade de uma doença ou por outro motivo. Os membros da família, então, perfilham o vácuo causado da não presença destas mães, avós, tias, filhas, esposa.

Ao verificarmos a atuação das mulheres rurais nos diversos lugares do assentamento, mas também no espaço da casa, estamos partindo de uma análise voltada aos afazeres (por elas entendidos) do espaço doméstico e dos saberes

e das práticas reproduzidas por elas ao longo das gerações que, de alguma forma impactam nos sistemas produtivos, na qualidade de vida, nas relações sociais, culturais e econômicas locais.

Tal concepção associa-se ao fato dos modos de vida não só das mulheres mas deste grupo serem (re) elaborações de práticas nos espaços da sociabilidade no interior dos assentamentos, nos quais as estratégias de produção/ reprodução social constituem, sobretudo, a busca pela permanência na terra e pela qualidade de vida no assentamento.

Isso significa que estar na casa e ser da casa não representa apenas um vazio social, de relações de sociabilidade. Ao contrário, nos momentos em que a rotina árdua e a solidão tomam o espaço da casa, elas buscam conforto em uma sociabilidade para além das dimensões sociais e econômicas, ou seja, a necessidade de encontrar com outras para falarem do cotidiano promove não apenas um momento de conforto, mas a realização de uma espécie de terapia coletiva, especialmente para aquelas que só trabalham em casa. A rotina árdua, repetitiva, chata e pesada do cotidiano as fazem necessitar de um respiro para tomar forças e continuar, voltam, então, para casa cheias de esperança e força através das receitas que trocam, dos chás que aprendem, das histórias que falam e das dores que contam. Renovadas, retomam dispostas para realização do almoço fresquinho. Em registro de campo podemos verificar tais aspectos, Dona M. salienta o quanto o espaço de socialização externo é importante para o revigoramento da vida:

O marido dela está na cama por não poder andar mais....ela neste momento disse que "nem falar ele fala, coitadinho...mas as vezes sinto falta de bater papo. Às vezes depois que dou comida para ele, cuido dele...corro para rua para conversar com as mulheres" (Diário de Campo 02/03/13).

O espaço do assentamento mesmo sendo um espaço de dificuldades é ao mesmo tempo, repleto de esperanças, nas quais, são construídas e reconstruídas histórias individuais e sociabilidade local. Neste sentido, as mulheres em suas trocas de experiências, práticas e transformação de *habitus*⁹ promovem uma

⁹Segundo a definição de Bourdieu, *habitus* pode ser "entendido como sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos e que seriam predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações" (NOGUEIRA, 2004, p. 27).

ressocialização destes conhecimentos tradicionais para alternativas jamais previstas de criatividade, dando vida e movimento às especificidades e situações particulares típicas da Reforma Agrária.

É preciso ressaltar ainda que a própria estrutura em que vivem promove a construção desses modos de vida e vice-versa, como bem demonstrado por Mascaro: "o cotidiano que se desenvolve de diversas maneiras, dependendo das condições locais, das atividades econômicas, sociais e culturais entre outras, constrói uma arquitetura peculiar, ao mesmo tempo em que se constrói o modo de vida" (MASCARO, 2003, p.5).

Essa perspectiva de "estar e ser da casa", mesmo para algumas que também trabalham fora do assentamento nos abre uma possibilidade de análise para entender a dimensão do desenvolvimento, para além das perspectivas econômicas e de mercado. Neste caso, o desenvolvimento toma outra conotação, voltada mais às capacidades de liberdade, como salientado por Sen (2000), já trabalhado nos tópicos anteriores. Parte-se do princípio de que a relação dos assentamentos, especialmente das mulheres, com o desenvolvimento não é direta, linear, mas pautada por tensões, bloqueios, mas também pela sociabilidade e pela criatividade. Além disso, se expressam tanto em relações objetivas, quanto subjetivas.

E é justamente pautado nesta perspectiva que as mulheres são protagonistas de seu tempo e de sua família e que não se movem no circuito da economia monetária no que se refere-se propriamente à produção do lote, mas a uma lógica de reprodução social da família e do assentamento.

A partir desta perspectiva, reconhecer as outras formas de desenvolvimento produzidas por estas mulheres rurais ajuda a superar perspectivas de invisibilidades que se dão pela interiorização das diferenças decorrentes das desigualdades de gênero.

Vale salientar neste ponto que mesmo sabendo da importância de suas atividades para a manutenção da ordem da casa e da rotina da família, não reconhecem estas mesmas atividades como trabalho e sim como afazeres. Que neste caso, podem ser averiguadas na fala de Dona E. registrada em diário:

Perguntei a ela que trabalhos realizava em casa e ela disse que trabalho mesmo só aquele de limpeza...então voltei a fazer a pergunta mas você não faz nenhum afazer em casa? Neste momento ela responde: "ah, sim faço muitas coisas....bem dizer tudo! Lavo, passo, cozinho e cuido do meu filho"(Fala de GOMES, Diário de campo 2/3/13).

Isso ocorre também pelo fato das dificuldades que têm em distinguir seus trabalhos agropecuários na horta e no quintal do seu cotidiano como dona de casa. Assim, ela mesma pode subestimar sua jornada de trabalho em atividades agropecuárias (FERRANTE; DUVAL, 2012).

É preciso destacar ainda que os espaços dos assentamentos de Reforma Agrária são locais privilegiados para se entender as relações de reconhecimento e não reconhecimento do trabalho doméstico, posto que, mesmo com o processo de modernização e conquistas das mulheres, o espaço rural abrange uma dimensão ainda mais dinâmica no que se refere ao papel da mulher nas atividades domésticas, ou seja, quando levamos em conta os conhecimentos tradicionais por elas guardados e repassados aos membros mais jovens, estes se mostram extremamente úteis à produção agrícola e à organização do lote.

O que significa dizer que é na casa que a mulher também se torna responsável pela socialização e internalização de valores sociais aos seus filhos, promovendo a coesão e a relação identitária necessária à formação em qualquer sociedade.

Em outras palavras, significa compreender como a atuação destas mulheres através de suas práticas diárias, se relacionam não apenas ao seu trabalho na casa, mas também às suas influências sobre as práticas ambientais sustentáveis.

Com esta relação íntima voltada ao meio ambiente, Woortmann (2011) propõe que entre as práticas etno-ecológicas tradicionais e a produção para mercado, a última fica por responsabilidade masculina, a qual para atendimento dos padrões e necessidades de mercado se utiliza de prática de insumos modernos. Assim, as práticas tradicionais cedem lugar a novos modelos de produção. Mas estas práticas etno-ecológicas permanecem no ideário tradicional, via de regra na roça, no quintal e, segundo esta proposta de análise, no espaço tipicamente feminino. A autora ainda salienta que:

Cabe a mulher o cultivo da variedade antiga, altamente valorizada pelos colonos para o consumo próprio, especialmente em festas, batizados casamentos ou velórios tradicionais. Além disso é a mulher que em seus espaços de cultivo possui as condições de reproduzir algumas práticas etno-ecológicas de cultivo: tais como intercalar cravo de defunto, defensivo natural na horta, utilizar tão somente adubos de sua própria criação. Eventualmente, ainda, comercializam parte de sua colheita de batata antiga para vizinhos e parentes, que a valorizam porém não produzem (WOORTMANN, p. 30, 2011).

A exemplo do importante papel das mulheres na conservação e transmissão

dos conhecimentos tradicionais ou ambientais, Barbero (2006) ressalta que, historicamente, a centralização de poder e a penetração de uma nova economia levou à destruição econômica dos modos de vida tradicionais pela lenta penetração mercantil que somada a uma rede de dispositivos, minaram progressivamente a autonomia das comunidades regionais no âmbito político e cultural.

Neste sentido, as mulheres em suas ações diárias e nos espaços de atuação – na casa ou nas áreas de sua influência – especialmente nos destinados à produção alimentar, continuam a zelar e se preocupar com a qualidade do preparo e da produção dos alimentos. Nas ações mínimas, resgatam receitas e práticas tradicionais de cuidados com as plantas, hortas e criação, garantindo a reprodução e resistência destas práticas etno-ecológicas.

O que significa pensar que, a autonomia de se estar na casa exige um olhar que não se limita à satisfação no preparo da alimentação para família ou na expressão de uma casa limpa e organizada. Trata-se de colocar em prática o conhecimento apreendido em momentos diferente da vida, significa colocar em prática uma espécie de "química orgânica" das misturas das ervas e dos adubos para os alimentos e animais crescerem mais saudáveis e garantir a alimentação balanceada e de qualidade a família.

A este respeito Duval (2009) constatou em entrevistas com mulheres a preocupação com uma alimentação balanceada e de qualidade. Sendo delas a responsabilidade pela alimentação da família, sua preocupação envolve uma cesta alimentar diversificada e também a produção de alimentos "naturais", levando-se em conta o bem-estar da família e atingindo a esfera nutricional e a satisfação do gosto e das preferências alimentares.

Vale destacar ainda que esta química natural-tradicional se revela também no saber medicinal, mágico-astrológico que permeia inteiramente o cotidiano destas mulheres. No espaço de tratamento dos filhos, maridos ou netos, novamente colocam em prática os conhecimentos vindos da terra e das plantas, junta-se flor de mamoeiro, ervas da terra, cascas de árvores e ainda uma pitada de simpatia, como verificado na fala de Dona R.:

Se tiver muito dor dá né. Isso aqui é bom pra tudo. Você machucou o dedo, você pega isso aqui, maceta, põe em cima... e aí passa na pancada. (...) Pra pancada, machucado, qualquer machucado. É um remédio bom. É bom pra tudo, pra estômago toma ferramicina.

Entrevistadora: Ferramicina? O que..que é?

R: É uma folha roxa. Esse aqui eu tomo quando eu tô mais assim, com dor de lado, eu cozinho ele, mas sozinho e bebo. Isso aqui tira tudo o sangue que tem dentro. Se leva uma pancada por dentro, ele tira o sangue, tira o pus. Se machuca o dedo, tem que macetar e amarrar em cima e deixar. Só maceta, põe em cima (...) com álcool, enfaixa no lugar certinho (GOMES, 2010. Entrevista realizada com R. em 09/12/2010).

Nesta perspectiva, podemos verificar que nas práticas diárias da casa, na plantação e finalmente nos saberes tradicionais e químicos etno-agroecológicos, o trabalho da mulher nas áreas rurais se revela e revela situações nas quais a mulher se satisfaz no seu cotidiano e na sua relação com o seu tempo e espaço, salientando-se que o mesmo gera discriminações e conflitos que se fazem presentes nas relações de gênero.

E, finalmente, a transmissão de valores ligados à luta pela terra, ao meio ambiente e à tradição as colocam em um patamar de importância que se refere inclusive a uma perspectiva de futuro na reforma agrária que se mantém e se renova, por existirem em tradições que são passadas para as novas gerações, especialmente por estas mulheres "da casa" e "do assentamento".

Diferentes situações de trabalho e expressões de protagonismo

Na pesquisa observou-se, como reiterado, que as próprias mulheres, muitas vezes, subestimam sua jornada de trabalho. Mas, o rompimento da invisibilidade do trabalho agrícola vem sendo destacado por iniciativas individuais e coletivas. As perspectivas de diversificação agrícola e agroindustrial vêm se apresentando sob a forma de embriões de um rumo diversificado de desenvolvimento, nos quais as relações de gênero têm peso decisivo.

Um resultado encontrado foi o desenvolvimento de associação de mulheres para a produção de pães. Na verdade, em nossos trabalhos, tem sido destacado o protagonismo da AMA (Associação de Mulheres Assentadas) no aspecto da produção e reprodução social e no papel de circulação das ideias e perspectivas de protagonismo. Associação constituída por 11 associadas, essa experiência tem gerado expressões de rompimento da invisibilidade feminina, como pode se observar na continuidade de nosso acompanhamento junto ao grupo. Este rompimento não se dá sem constrangimentos permeados por relações de gênero.

Muitas mulheres buscam iniciativas de complementação da renda, mas pode-se notar o sucesso maior com a junção de forças, o associativismo e o cooperativismo. Conforme o relato de uma das lideranças da associação, na

qual conta as dificuldades iniciais: "eu fui atrás de formar a associação porque eu precisava de uma renda a mais, naquele tempo era meu marido que ficava com as coisas, com dinheiro do lote e também ele era aposentado, mas ele não dava dinheiro pra gente (ela e as filhas). Mas eu tinha uma rendinha da feira, porque eu tinha a minha horta de verdura e outras coisas que eu plantava no lote que eu vendia, mas era muito pouco e eu tinha que colocar mais coisa em casa, e pagar uma energia".

Procuramos, a seguir, caracterizar diferentes situações de mulheres com relação ao trabalho, dentro e fora do lote e do assentamento, de forma a ressaltar alguns fragmentos das histórias de vida de mulheres que são protagonistas dessas diversas situações. Posteriormente, vamos adentrar a análise de alguns grupos associativos de mulheres, acompanhados por meio de registro em diários de campo.

Dona Maria, Monte Alegre VI: a persistência da mulher que vive sozinha

Ela estava participando do grupo que trabalha na padaria, mas quis sair para assumir uma vaga como monitora do ônibus escolar da escola do assentamento, portanto, para uma situação de trabalho no assentamento. Conversamos sobre sua história de vida e trajetória de trabalho, sobretudo a partir de quando chegou ao assentamento.

Participou da ocupação das terras do núcleo VI do Monte Alegre, portanto está assentada desde 1997. Veio com o marido, seus dois filhos (na época, com 2 e 4 anos) e sua mãe. Antes eles viviam em Sertãozinho e viviam do trabalho em usinas.

Em 2009, dona Maria se separou do marido e ele quis ir embora do assentamento. Provavelmente, a um ano da morte de sua mãe, o marido não aguentou mais ficar no lote, segundo ela, ele nunca quis vir e não queria ficar no assentamento. Enquanto eles estavam casados e com o lote no assentamento, ele trabalhava fora, continuou em Sertãozinho, no corte da cana e como roupeiro no ginásio de esportes da cidade. Quando se separaram, ele foi ao Itesp saber dos seus direitos e lá eles disseram que o lote ficaria com ela. Ela disse que sempre foi titular do lote, mas era conjunta. Quando eles se separaram, ele quis ir embora e não teve direito à nada em relação ao lote.

Ela tem ainda uma irmã no núcleo II, que está no assentamento há 25 anos. Na comparação dos núcleos II (onde mora a irmã) e o VI, acha melhor o assentamento que não tem agrovila por duas razões: primeiramente no que diz respeito à criação de frangos, que sempre foi uma das principais atividades dela,

do mau cheiro perto de casa e dos vizinhos; segundo, que morar no lote significa morar perto de onde se trabalha.

Sua irmã é viúva, perdeu o marido e ficou com 4 filhos no lote. Um dos filhos, porém, morreu esses dias, como o pai, de infarto, com apenas 50 anos de idade. Com a morte dos dois, a irmã quase vendeu o lote e foi embora, mas a família resolveu ficar. Segundo ela, todo mundo que vendeu se arrepende. Ela mencionou um casal de mais idade que vendeu o lote por aproximadamente R\$ 150 mil e comprou uma casa na cidade, para ficar mais perto dos netos e da família. O casal conta que se arrependeu porque seria muito melhor ter ficado no assentamento, principalmente por conta dos netos aproveitarem e, na cidade, está tendo muito mais trabalho no sentido dos seus filhos deixarem os netos para eles cuidarem (supostamente no assentamento isso seria mais fácil).

Os filhos estão, atualmente, com 17 e 20 anos. O primeiro está no terceiro ano do ensino médio e o outro cursando Propaganda e Marketing na Unip (Universidade Paulista). Segundo ela, o filho que está na faculdade tem uma bolsa de estudos. Notamos a falta de perspectiva dos filhos ficarem no assentamento. Durante a conversa eles estiveram no quarto, ficam dentro de casa e no computador, não têm e não se interessam por atividades agrícolas. O que não deixa de ser uma contradição ao afirmado no parágrafo anterior, sobre a perspectiva do casal de idosos em relação aos netos. Mas mostra justamente a diversidade de situações das famílias em um recorte temporal não-linear.

Sobre as dificuldades iniciais, mencionou que vieram pra cá sem água, luz e estrada. Ficaram 2 anos sem nada. Por outro lado, ficavam com os tocos dos eucaliptos no solo, pois a madeira e o dinheiro dela (ficou com o sindicato) – ela falou isso de forma a deixar claro que não sabe para onde foi esse dinheiro, mas sabe que não foi para benfeitorias para as famílias (o dinheiro sumiu, mas poderia ser parte da rede elétrica, das estradas etc.).

Desde que chegou plantou alimentos. No começo era arroz, milho, moranga, horta grande, construiu a casa. Disse que a primeira safra de arroz foi muito boa, depois a terra não deu mais arroz. Tinha um vizinho que fazia o atravessador para fora. Criava galinha, vendia para gente de Américo Brasiliense e levava para Sertãozinho, junto com o marido, para aqueles com os quais viviam anteriormente.

A produção de aves sempre foi atividade principal para a dona Maria. Primeiro ela disse que no início de sua vida no assentamento havia um grupo que queria trabalhar com galinha poedeira, que era conhecido com o grupo das pioneiras, composto por 7 mulheres do assentamento. O começo desse grupo contou com

colaboração do Itesp, que forneceu as galinhas, bem como as telas e outros materiais para montar a granja. O grupo dividia o trabalho por dia, cada uma tomava conta um dia da produção de ovos, que ficava concentrada no lote da dona Cida, no núcleo II. Do núcleo VI eram duas assentadas, ela e a dona Vilma. Ela contou que ia a cavalo para o núcleo II para trabalhar. E que cada uma fazia uma parte do trabalho mais especializado, por exemplo, ela era tesoureira. Ou seja, um tipo de associativismo informal, mas com um mínimo de estrutura de gestão, com cargos e responsabilidades para além da produção. No entanto, ela não tinha uma especialização e tinha que fazer esse tipo de trabalho do jeito que dava. O trabalho comum era basicamente colher e limpar os ovos. Com relação à genética desses animais, eram adquiridos da granja caipira Label Rouge, localizada em Porto Feliz/SP é uma das granjas que trabalham com melhoramento genético de linhagens caipiras, buscando compor animais rústicos, adaptados as condições tropicais, e ao mesmo tempo que possuam características para um melhor desempenho na produção de carne. Esta linhagem, conhecida também como "frango do pescoço pelado", é recomendada pela ESALQ/USP, para produção no sistema "frango feliz", embora não tenha sido o adotado no assentamento. As assentadas levavam mandioca, milho e verdura de seus lotes para dar de ração às galinhas e isso colaborava muito na produção. O filho da dona Cida era quem vendia os ovos: (vendia ovo que não sobrava para nós), disse ela.

Depois o grupo desmontou, basicamente por duas razões que ela mencionou: se alguém quebrasse ovos ou fizesse retiradas para consumo ou proveito próprio, tinha que marcar quantos para poder descontar depois, mas começaram a ter umas que não marcavam direito, o que aos poucos pode ter contribuído para a quebra na confiança. Depois, um dos maiores problemas eram os maridos das outras mulheres, que entravam no meio das decisões, principalmente atrapalharam a gestão do negócio¹⁰. Então ela resolveu vim trabalhar sozinha em seu lote e viu que dava mais certo.

Além destas questões, outro ponto fundamental que motivou a Dona Maria a produzir frango em seu próprio lote, foi a doença de sua mãe, e precisava de

¹⁰Dona Maria comentou que nas reuniões do grupo, a participação dos maridos era intensa, onde deveria ser apenas uma reunião entre as mulheres, eles compareciam e falavam por suas esposas, começaram querer ditar as regras e gerenciar o dinheiro. O que gerou certo desgaste entre as mulheres.

cuidados especiais no dia-a-dia, impossibilitando-a de trabalhar fora, ou mesmo passar longos períodos longe de casa.

Foi trabalhar na padaria e vendeu suas galinhas. Vários problemas foram mencionados: começou a faltar tempo para cuidar das galinhas, não tinha mais finais de semana, estava demorando muito para receber pela produção, o cachorro da vizinha vivia atacando as galinhas dela. Ela ouvia o barulho das galinhas e falava: (peraí, acho que tem cachorro correndo atrás delas).

Ela disse que gostava muito de trabalhar na padaria, mas também faltava tempo para ela cuidar do lote, da família, da sua produção. Na verdade ficou pouco tempo lá e durante esse tempo as principais coisas que conseguiu mudar na padaria foram as formas de fazer compras de matéria-prima de fora. Disse que as meninas compravam tudo picado, de pouca quantidade e ela chegou sugerindo que as compras fossem feitas no atacado. A Sueli (nova integrante) entrou porque não acharam quem já estava trabalhando nisso.

Mencionou a importância do trabalho em grupo e dos cursos de capacitação que recebeu a partir de sua participação na padaria: teve um curso que ela participou que a tirou da depressão. O grupo é difícil, cada um tem uma opinião, mas tem que se saber quem está entrando, respeitar a opinião do outro e ter diálogo.

Agora preferiu o contrato com a empresa de viação Paraty. Mas ressaltou que seu contrato se renova a cada 6 meses, nos meses de julho e dezembro, ou seja, não prevê férias e 13º salário. O transporte escolar é terceirizado pela prefeitura, mas se fosse de fato um serviço público ela seria contratada da prefeitura, com todos esses direitos e entende seu tipo de vínculo mais precário. Mesmo assim ela não falou que é uma situação de trabalho melhor, pois pode trabalhar no assentamento sem ter que se ausentarem por muito tempo do lote. Além disso, ela tem um salário e uma ocupação na escola do assentamento, o que lhe garante certo *status* na comunidade (a mulher, separada, mas que trabalha na escola e tem seu salário).

Gostaria de formar um grupo de mulheres para artesanato a partir da associação (uma das possibilidades da associação de mulheres ter outras atividades como um grupo de artesanato). Em sua casa pudemos notar vários enfeites e bordados feitos por ela. A casa é cheia de pequenos detalhes, na sala da frente, onde fomos recebidos, há quadros que ela pintou e vários bibelôs na cômoda. Depois vem uma sala maior de dois ambientes, um dos quais ocupado por uma mesa de jantar. Das três salas saem portas para dois quartos e um banheiro. Um dos quartos, dos meninos, tem pintura da parede diferente feita

por eles, cheia de detalhes – ela disse que eles são bem criativos nesse sentido. Nas demais salas, vimos mais quadros, borboletas de arame e tecido, toalhas e cortinas feitas pela dona Maria. Sua máquina de costura também estava lá, num local de destaque na sala, como se fosse objeto de decoração, mas o fato é que aquela máquina faz parte do cotidiano dela.

Lote de Mariana Silveira, assentamento Horto de Bueno de Andrada: de família sitiante da região ao comando da integração avícola

O motivo da visita era conhecer uma produção integrada de frangos comandada pela mulher, logo nos convidaram para entrar para conversar dentro da casa. É uma casa bem diferente daquela típica dos assentamentos, pois tem um excelente acabamento interno, toda azulejada, muito espaço, móveis novos e caros, jardim de inverno no canto da sala.

Ela tem 35 anos e está no assentamento há apenas seis anos, porém, sua família é de Bueno de Andrada. Seu pai, de 85 anos, é nascido lá e sempre foi sitiante por aqui (ele nasceu em 1928).

Ela disse que é a única titular do lote e que seu marido não tem atividades agrícolas. Ele é funcionário da Pluma, uma empresa paranaense que atua na produção de ovos férteis e rações para aves. A empresa possui uma filial em São Carlos, local de trabalho do marido da entrevistada e que ele chega a trabalhar de domingo a domingo, das 7hs às 21hs, ganha R\$ 2.500,00 por mês e ele acha que é muito.

Dos seis anos que está aqui, ela sempre trabalhou com criação de gado leiteiro como atividade principal do lote. No entanto, hoje em dia ela possui apenas 12 vacas leiteiras, pois a granja com a agroindústria passou a ser sua principal atividade. Ela planta cana para tratar das vacas e tem pasto. Afirmou que nunca plantou cana com a usina, pois sua cana é apenas para tratar o gado. Não foram mencionadas culturas para o autoconsumo, apenas alguns pés de fruta. Lamenta o fato de que no assentamento não dá para trabalhar em grupo, tanto para a produção de leite como para a própria organização produtiva dos assentados em geral.

Atualmente a dona Mariana não está mais produzindo leite. Ela fala que perdeu a vontade de trabalhar com o laticínio por causa da falta de confiabilidade que adquiriu no trabalho e nas próprias variações do mercado. Deu o seguinte exemplo: eles pagavam para ela R\$ 1,20 o litro de leite, daí vinha uma chuva e caía para R\$ 1,00, outra chuva e caía para R\$ 0,80. Daí ela foi lá na Argenzio perguntar o que estava acontecendo e eles falavam que não tinham para quem

vender o leite, por isso o preço estava baixando¹¹. Portanto agora ela trabalha com a engorda de bezerras e não tira leite para vender. Mesmo porque, sua atividade principal passou a ser a granja.

A sua granja demorou três anos para ficar pronta, pois ela foi investindo aos poucos sem recorrer a nenhum tipo de financiamento. Ela disse que hoje a granja vale aproximadamente R\$250 mil, mas os custos reais foram algo em torno de R\$100 mil. Contou muitos fatores que contribuem para isso, a começar pelo conhecimento que a família detém sobre esse sistema de produção. Existe uma longa história de integração com agroindústrias dessa família para a criação de frango, inclusive os demais assentados identificam os Silveira como os pioneiros na produção de frangos de granja no distrito de Bueno. O Sr. Toninho alegou que ele foi o primeiro produtor de frango nessa região, já tinha contrato com empresas maiores desde 1950, pois tinha o talão de notas e comercializava frangos e ração com empresas como Socil, Cargil e Sadia. No sítio em Bueno ele tinha uma granja de campânula a gás para 10 mil frangos e sua família ainda arrendava mais dois lugares para a produção (um sítio mais próximo a Matão e uma parcela de terra em uma fazenda em Ribeirão Preto). Segundo ele, viveram mais de 20 anos comercializando 250 mil frangos por ano. Eles também sempre possuíram criação de gado (assim como a filha no lote).

Porém, a família ressalta que a produção de frangos no sistema de integração está há 5 anos em crise, obteve momentos de melhora neste período mais nunca saiu de fato da situação. Assim como para a maioria dos assentados, a Rigor está devendo pelos frangos que já foram retirados e abatidos. A assentada afirmou que fez as contas e chegou à conclusão de que gastou R\$7.100,00 para engordar 3 lotes de frango. Recebeu R\$5.600,00 de um lote de frangos. Caso tivesse recebido dos 3 lotes, chegaria a quase R\$18.000,00 mil. Neste caso, seria bastante vantajosa a produção integrada. Ela ressalta que quando o frango estava bem chegava a ganhar R\$1.700,00 a cada dois meses, mas nos dias de hoje está ganhando R\$700,00, principalmente pela falta de pagamento da agroindústria (está pagando para produzir).

Outro ponto de indignação da assentada é com relação ao depósito do

¹¹Isto se deve ao fato do sistema de produção de leite da região de Araraquara ser basicamente a pasto. Com a chegada das chuvas a tendência é que a gramínea se desenvolva e conseqüentemente forneça mais nutrientes aos animais. Teoricamente eles tendem a produzir maior quantidade de leite, aumentando o volume entregue ao laticínio.

dinheiro: segundo ela, no talão de notas que chega à sua casa contava o valor de R\$5.600,00, mas no banco o valor real depositado foi R\$5.100,00. Questionada se não é feito nada, ela afirma que ligou na agroindústria, mas eles dizem que é problema no financeiro, e nunca depositam o restante. É perceptível o medo de ser excluído do processo de integração com a agroindústria. Por este motivo, eles não questionam muito os técnicos, pois podem ser cortados. E a Dona Mariana ressalta: "Melhor pingar do que secar", referindo-se ao motivo de continuar colocando novos lotes de frango sem receber os lotes passados.

Mariana trabalha na granja do pai desde os 8 anos de idade e ainda possui seis irmãos, dois dos quais moram com o pai e fazem serviços de soldagem de qualquer tipo de estrutura metálica. Foram eles que fizeram toda a estrutura da granja. Ou seja, é bem mais fácil para essa família construir e trabalhar com granja. Mesmo porque eles alegaram que são do tipo de família que se ajuda muito em tudo.

Contou que já viu o pai passar por muitas crises com a produção de frango. E que o principal culpado, para ela, é o governo por falta de subsídios e pelos altos impostos cobrados. Ela chama a atenção por exemplo pelo ICMS cobrado pelo Estado de São Paulo, que é de 18%, enquanto que em Uberlândia, o mesmo imposto é de 5%, o que força as agroindústrias do Estado de São Paulo fecharem as portas e subir para as regiões onde possuem maiores benefícios fiscais. Neste momento ela ressaltou que o "Brasil é o país do atravessador" enfatizando a falta de políticas que viabilizem a comercialização dos produtos da agricultura familiar. Seu depoimento foi, na verdade, do governo aos frigoríficos e empresas de ração e matriz genética.

Dentre os atores envolvidos na integração, ela cita os produtores rurais como a ponta mais frágil da relação. Mesmo porque eles possuem um papel de "engordadores" de frango, recebem da empresa todo o pacote tecnológico (genética, ração, máquinas e insumos químicos como vacinas), além de assistência técnica e transporte. Basicamente, os pintinhos são alimentados pela ração fornecida e a empresa vem buscar o lote de frangos aproximadamente quarenta e cinco dias depois. Com uma granja quase que totalmente mecanizada, o principal trabalho da dona Mariana se resume a recolher os frangos mortos, embora existam muitas outras etapas de trabalho, como: preparação da granja para recebimento dos lotes, limpeza de área de bebedouros e comedouros, verificação da temperatura etc.

"Alguns dias já bastam para afetar os pequenos produtores", disse ela, sobre a demora da empresa em disponibilizar ração e vacinas aos fornecedores. Esta

afirmação está ligada a uma escala vivenciada por ela, enquanto produtora, que envolve apenas o frigorífico e os produtores rurais que engordam os frangos, dentro da cadeia produtiva. Quando o mercado está em baixa, o frigorífico quer produzir menos frango e acaba trabalhando apenas com seus produtores âncoras (aqueles que garantem regularidade no fornecimento), deixando algumas granjas sem produção. Tais produtores podem ser aqueles com quem a empresa e seus funcionários mantêm melhor e mais antiga relação, aqueles que atendem mais as orientações e exigências ou criam menos problema para a empresa. Neste contexto, existem ainda, as estratégias adotadas pelas agroindústrias para diminuir a produção, mas manter os pequenos produtores. Como é o caso da própria Dona Mariana, que em épocas normais de produção, a Rigor chegou a alojar 23.300 frangos, porém, devido a crise a indústria está alojando apenas 18.000 frangos. Seu depoimento mostra que ela detém sobre como funciona a parceria.

Além disso, o contrato de produção menciona que a agroindústria pode cessar o fornecimento das aves por tempo indeterminado caso haja restrições diversas, como é o caso de mudanças mercadológicas. Ou seja, as consequências da seca no meio-oeste dos Estados Unidos afetaram a disponibilidade de milho para o mercado interno, já que este, é considerado uma *commoditie* agrícola e tem seu preço regulado pelas bolsas de valores, principalmente a de Chicago. Mesmo que fuja do controle do assentado, eles estão sujeitos a ficar sem receber um novo lote de frangos, o que realmente está acontecendo no assentamento. E isto implica em uma série de consequências negativas, como, por exemplo, os custos para manter o barracão, sem que se tenha garantia de quando irá receber um novo lote de frangos.

Lote de Joseane Aparecida Silveira, assentamento Horto de Bueno de Andrada: a viúva que deu a volta por cima

Ao chegarmos ao lote fomos muito bem recebidos pela dona Joseane. Moram no lote oito pessoas: ela, o novo marido, duas filhas, um genro e três netos, um de 5 anos (da filha mais nova), um de 9 anos e outro de 13, ambos da filha mais velha e do genro que moram no lote, mas quem assume o comando da produção no lote é a dona Joseane. Ela é nascida em Paraíso, uma cidade de aproximadamente 5 mil habitantes e distante 144 KM de Bueno de Andrada, que até o ano de 1954 era um distrito do município de Pirangi. Seu pai era ferroviário, razão pela qual a família mudava muito de cidade. Contou que seu pai foi até para o Iraque para construir ferrovia, morou também em Mato Grosso por conta da ferrovia Trans-Cuiabana e por vários pontos do estado de São

Paulo. Com 12 anos veio morar num sítio em Bueno e não saiu mais. Atualmente, o pai é aposentado e vive em Araraquara.

Ela tem 54 anos e é assentada há 14 anos. Veio para o assentamento, juntamente com o falecido marido por ocasião da compra do lote. Ela afirmou que sempre trabalhou no sítio, na granja e em casa¹², embora já tenha sido telefonista em Bueno e tenha trabalhado na prefeitura de Araraquara. Em outra passagem, ela mencionou que trabalhou na Cutrale, em Araraquara, na época era menor de idade e andava sozinha na pista (na cidade, perto da indústria) às 4h30 para chegar ao trabalho. Contou que quando era casada com o filho do Sr. Toninho Silveira só tinha estudado até a 4ª série do ensino fundamental. Após a morte dele, ela completou o ensino médio no Sesi e hoje pretende cursar Assistência Social na Unip. Isso porque ela gostaria de ter uma profissão. Ela disse que é muito ativa nas questões da comunidade, se envolve na escola, no posto de saúde, faz festa das crianças no 12 de outubro, então acha que com um diploma poderia atuar profissionalmente nessa área. Sua atuação se dá inclusive numa esfera política, nas últimas eleições ela tentou se eleger vereadora em Araraquara, pelo PP (Partido Progressista), obteve 179 votos e não se elegeu. Porém, neste caso, ficou suplente pela coligação PSDB/PP/DEM. Também fez o curso de turismo rural que o Senar ofereceu em Bueno e no assentamento Monte Alegre. Acredita que Bueno tem muito potencial turístico, pois tem o bar da coxinha, a estação de trem, os assentados podem vender muitas coisas lá. Pois muitas pessoas passam por lá. Gostaria que o trem funcionasse para o turismo e não só para carga.

A filha mais nova, Marina, que participou da conversa o tempo inteiro, tem um filho com outro assentado. Quando o filho estava para nascer, o casal se juntou e construiu uma casa no lote do pai do rapaz, mas se separou em poucos meses. Passaram-se mais de dois anos, e o casal voltou, mas em um ano, houve nova separação. Hoje ela vive com o filho no lote da mãe e não está trabalhando. Reclamou que vive à mercê do que o pai quer dar para o filho: antes dava plano de saúde e tinha uma vaca cujo leite era só do filho (ele levava um litro por dia, agora faz seis meses que não leva). Ele está dando aproximadamente R\$ 300,00 e cortou o restante. Marina fica com medo de pedir os direitos de seu filho com relação à pensão alimentícia na justiça. Ela gostaria que o pagamento da pensão fosse descontado na folha salarial do pai, porque ele agora está trabalhando

¹²Deu especial ênfase ao trabalho doméstico, o trabalho de casa.

como motorista de ônibus escolar em Bueno e tem salário de R\$ 1.800,00, segundo ela. Não quer depender de ele vir na casa dela e dar o quanto acha certo, pois além das brigas, ele não conta partes como 13º salário e férias. Ela contou que o ex-companheiro ameaça tirar o que ele dá: "ele diz pra mim, se você for [pedir revisão de pensão], você vai ver". O filho, de 5 anos, não quer ir ver o pai e o pai tem vindo cada vez menos ver o filho e ela acha até bom, porque quando vem fica brigando com ela na frente do filho. Disse que agora, para piorar na parte financeira, ele tem uma namorada.

Marina disse que começou a trabalhar cedo, no comércio em Araraquara, trabalhou apenas em duas lojas de roupas, a última (UHF jeans) ficou mais de 8 anos empregada, tem vários anos de carteira registrada como vendedora. cursou o ensino médio completo. Ela não está trabalhando agora porque teve o rim infeccionado e está com cálculos. Mencionou episódios de sofrer da dor no meio do trabalho e não estava aguentando, portanto, há três meses pediu demissão. Porém, não entrou com nenhum pedido de auxílio-doença ou seguro desemprego, porque não sabia que tem esse direito, ninguém a orientou a entrar com o pedido. Ao falarmos sobre o benefício, ela disse que ia tentar ver isso no INSS.

Sobre a parceria para produção agroindustrial de cana, na época em que era casada com o Silveira eles já tinham procurado a usina para fazer um contrato, mas quando ele adoeceu, disse que não queria que plantasse cana no lote. Segundo ela, o marido achava que a cana acabava com a terra, que já tinha muita cana por aí e que, no assentamento, tinha que ter outras coisas, ou seja, ele achava que plantar cana com a usina não deveria ser um meio de sobrevivência para os assentados. Quando o marido estava no hospital ela falou que infelizmente recorreria à parceria com a cana, pois se ficasse sozinha no lote não teria outra alternativa. Depois que ela ficou viúva procurou novamente a usina, que não aceitou a parceria alegando que ela tinha pouca terra, mas ela também liga este fato ao episódio de desligamento dela na integração com a granja.

Além da granja, a família sempre plantou milho, a partir de outro tipo de parceria, conforme descreveu: ela não tem trator, portanto ela chama um produtor que tenha e eles combinam uma porcentagem da colheita para cada. Esse é um meio para viabilizar a produção no lote dela e, para a comercialização, tem que haver vários canais além do próprio atravessador. Ela não vê como negativa a opção do atravessador porque acha que ele faz parte dos arranjos (ou parcerias) que tornam possível a produção e a comercialização. O que não pode é ficar

apenas nas mãos do atravessador e outros tipos de parceria. Ela associou a falta de parcerias nesse sentido e de união à dificuldade em se criar associações no assentamento¹³.

Uma nova perspectiva para a família é a produção de horta. Uma das granjas que foi desativada virou uma horta, para produção de verduras e legumes. Dona Joseane disse que já plantou quatro mil pés de alface e que agora tem interesse e espaço para trabalhar comercialmente com: alface, almeirão, rúcula, salsinha, cebolinha, espinafre, quiabo, couve, pimentas, dentre outras. Ela disse que está investindo na horta não por causa de programas de compra governamental, mas porque pode comercializar em inúmeros lugares. Além disso, outra comparação entre a granja e a nova horta como principais atividades comerciais do lote, acha que o trabalho na horta é mais saudável, não tem que ficar recolhendo e enterrando frangos mortos todos os dias, preocupada se eles pegarão doenças ao ponto de não dormir por causa disso.

Além dos cultivos e criações mais comerciais, ela disse que sempre teve pequenos espaços no lote para produção de autoconsumo familiar, como hortas que incluem temperos e medicinais, pequena criação de porcos e apenas uma vaca, bastante árvore, "tudo quanto é fruta". Seu neto de 13 anos está produzindo mudas no lote. Ela afirmou que não gosta de criações grandes, tem medo de lidar com a vaca, mas ela garante uma parte do leite consumido pela família.

Das possíveis estratégias produtivas mencionadas pela dona Joseane, podemos destacar certa ambiguidade, no sentido dela apontar um novo caminho produtivo, com a horta, mas que contrasta com sua vontade de reabrir a granja se voltasse a empresa anterior. De qualquer forma, a produção principal do lote – atualmente a horta – ela vai conseguindo levar com a ajuda do marido, das filhas e dos netos, conforme disponibilidade de cada um para trabalhar em alguma etapa. Ao mesmo tempo, mostra sua vontade em atuar numa nova profissão, que pode ser como assistente social, líder comunitária ou na política. Para as duas últimas, manter o sobrenome Silveira certamente tem um peso, já que é uma família muito tradicional no distrito de Bueno, que inclusive dá nome à Escola do Campo de Bueno. Para atuar como assistente social faltaria cursar uma faculdade, mas ela já mostrou vontade para estudar.

¹³É importante destacar também que a assentada se referiu aos pioneiros do assentamento como os "invasores", tal como os outros Silveira que havíamos entrevistado antes.

Dona Raimunda, Assentamento Bela Vista do Chibarro: a única mulher do grupo da horta

D. Raimunda (59 anos) é casada com o Senhor José, e tem um filho. De São Domingos, no Maranhão, trabalhou por lá fazendo óleo de coco e vendendo em feiras. Depois de casada foi para São Paulo, fazia vários trabalhos para garantir uma renda própria, segunda "ela nunca gostei de pedir dinheiro, sempre quis ter meu dinheirinho". Com isso, trabalhou lavando roupa para fora, com concerto de roupas para firmas, enfim, vários trabalhos domésticos para assegurar uma renda.

Antes de chegar ao assentamento Bela Vista, viveu por dois anos em um assentamento no Vale do Ribeira. Quando chegaram neste assentamento ficaram conhecidos como o Grupo de Sete Barras que era composto por famílias que viviam no assentamento de Val Formoso, no município de Sete Barras, que negociou a transferência das famílias para essas terras com o sindicato e os trabalhadores acampados na Bela Vista, devido às terras de Val Formoso terem sido declaradas reserva florestal. Ela comentou que desde que chegou aqui gostou do local.

Uma das principais características dessa mulher é o sorriso no rosto e a energia com que fala sobre o trabalho que faz. O trabalho na vida dela é presente desde criança, que deixou marcas em suas atitudes ao falar sobre o assunto. Atualmente sua rotina não é fácil, mas é feita com muito amor e energia. Seu esposo está adoentado, por isso, ela tomou a frente das coisas, apesar de que quando perguntada sobre isso, ela responde "que as decisões sobre o lote são tomadas em conjunto", mas que para fazer muitas coisas sobre o lote ela acaba fazendo.

Além do trabalho no lote, ela trabalha na horta conjunta com os irmãos e um amigo da família. A horta Pedra D'Água foi constituída desde 2007. É formado por seis pessoas, sendo cinco irmãos e mais um amigo da família.

O grupo da horta se organizou e se constituiu devido ao fato de que as plantações anteriores não estavam dando lucro. Muito pelo contrário, relataram que o plantio de soja com financiamento e seguro, mas infelizmente devido a problemas climáticos perderam 80% da plantação e o seguro não cobriu esta perda, deixando-os inadimplentes no banco, uma vez que não conseguiram pagar o prejuízo com a perda da soja. E sua fiadora foi D. Raimunda, conseqüentemente ela também ficou inadimplente. Seus irmãos também estavam passando pelos mesmos problemas de inadimplência, tudo devido a perdas de plantações anteriores financiadas por créditos da agricultura familiar. A estratégia da horta

coletiva foi um caminho para tirá-los da situação de endividamento e não ir pelo caminho do arrendamento de seus lotes, cuja maioria dos assentados estava optando.

A Horta Pedra D'água tem, atualmente, dois hectares de extensão, nos quais o grupo produz grande variedade de verduras e legumes: alface (mimososa, americana, lisa e crespa), rúcula, almeirão, cebolinha, salsinha, coentro, repolho, couve, espinafre, agrião (apenas na estação mais fria), brócolis, couve-flor, rabanete, beterraba, jiló, quiabo, abobrinha e berinjela. Está sendo expandida para o lote de um dos integrantes do grupo, o Chiquinho que é assentado em um lote da reintegração de posse que aconteceu no assentamento em 2007. Neste novo lote, o grupo tem intenção de produzir mais legumes, como abobrinha, abóbora seca e quiabo, além de coisas novas como feijão de corda, maracujá e outras frutas.

Atualmente está esperando pegar o financiamento, juntamente com a mulher do Senhor Jesus do Apoio Mulher e, mais com algum dinheiro do restante do grupo para poder cobrir as 15 estufas que estão descobertas por causa das chuvas e ventos fortes. Ela falou que já deixou avisado para os homens que agora tem que contratar alguém especializado para cobrir as estufas, porque senão o trabalho não dura. E não fazer igual da outra vez, que foram eles mesmo que colocaram e acabou não durando muito.

A comercialização dos produtos da horta tem sido a venda, o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), nas prefeituras de Araraquara e São Carlos, além das entregas em varejões e supermercados em Araraquara (o supermercado Patrezão, Varejão Preço Único, entre outros varejões e restaurantes). Além disso, são feitas feiras, nas quais quem é vendedora é D. Raimunda, que vai de quinta-feira vender no Terminal de Integração de Araraquara e de sábado, na feira que acontece na Praça Pedro de Toledo.

Falar sobre as feiras deixou D. Raimunda empolgada e pude perceber um toque feminino para organizar e vender os produtos. Primeiro, ela comentou que o cliente compra pelo olhar, por um produto bonito. A banca tem que estar organizada e tem muita variedade de produtos. Ela falou que quanto mais leva produtos variados vende, quanto mais coloridos estiverem à banca, os produtos saem. No terminal já chegou a vender 1.200, 00 (mil e duzentos reais) no dia, e na feira de sábado já ganhou 1.000, 00 (mil reais). Às vezes, na semana, só com as feiras, tirou 2.200, 00 (dois mil e duzentos reais). É o dinheiro da feira que ajuda a pagar as contas da horta. Como na semana passada que tiveram que pagar 4.000, 00 (quatro mil reais) da prestação do Tobata que compraram.

Um dia perguntamos para um dos homens que trabalha com ela na horta se por causa dela trabalhar na feira ela ganha alguma coisa, ele respondeu: "por que! Ela fica na feira e a gente fica na roça, na horta trabalhando". Nessa perspectiva, o trabalho mostra a divisão de gênero entre produção e comercialização. De tudo que é vendido da horta, são tirados os gastos com a mesma e, depois, o lucro é dividido entre os seis.

Também comentou que briga com os homens da horta, "porque você sabe como homem é relaxado, se deixar as alfaces vão sujas de terra, eu exijo que os produtos estejam limpos e organizados, que quem faz a feira sou eu e, até o dia que eu fizer tem que ser do meu jeito". Porque se os clientes reclamarem ela que vai ouvir, e não "gosta de passar vergonha, porque os produtos estão sujos".

Segundo D. Raimunda, as feiras dão um lucro bom, se perguntada se existe uma diferença de venda ou procura de legumes, verduras ou frutas na hora da venda, ela comentou que não, que tudo o que você levar vende, basta ter variedade como: alface, couve, repolho, beterraba, cenoura, pepino, tomate cereja, maxixe, feijão de corda, berinjela, maracujá, manga, cheiro verde, abobora caipira, vargem, abobrinha, quiabo, jiló, entre outros produtos. Segundo ela "quanto mais colorido e variado melhor, isso enche os olhos das pessoas, as pessoas compram aquilo que tiver bonito e colorido".

Ela tem clientes fixos nas feiras, pessoas que vão comprar só com ela, perguntei se as pessoas pedem receitas também, com uma risada respondeu que sim, que além de dar a receita no outro dia de feira se as pessoas passarem por lá de novo, falam que a receita deu certo e o feito ficou muito bom. O Senhor Jesus falou que ela é quem mais vende na feira do terminal e que realmente ela é muito exigente com as coisas, mas que no final, ela está certa em querer que façam o melhor.

Atualmente, D. Raimunda se divide entre os serviços da casa, do lote e da horta, perguntado como ela consegue, respondeu que não sabe, que só não gosta de ficar parada. Se um dia não tiver mesmo como trabalhar mais na roça, vai procurar fazer alguma hidroginástica ou alguma atividade física, mas ficar parada só dentro de casa, não é para ela.

Dona Teresa, assentamento Monte Alegre III: trajetória urbana e enraizamento por meio de atividades não-agrícolas

Fomos visitar uma mulher que trabalha na escola do assentamento e montou em seu lote um bazar de produtos de limpeza no qual também vende licores que ela faz. Tomamos conhecimento do caso dela na padaria do núcleo VI, por meio

de um cartaz de divulgação que ela colocou lá. Marcamos encontro na escola (depois do trabalho dela), assim fomos seguindo ela de carro até o lote.

Começamos a conversa nos situando da sua novíssima situação: ela acabou de sair do seu segundo casamento, em dezembro/2012. Agora está morando no lote da dona Cida, uma assentada que considerou ser sua madrinha. Ela nos contou um pouco de sua história de vida e logo vimos que se trata de uma história complexa. Segundo relatado por ela, "uma vida que passa por mudanças todo ano".

Sua relação com o assentamento é bem interessante, pois ela nunca morou em sítio. Nasceu em Araraquara e sempre morou na cidade, já trabalhou em várias indústrias, como a Cultrale e a Lupo. No entanto, sua família tinha uma casa com quintal amplo, com vários pés de fruta, inclusive sua mãe já fazia licor de jabuticaba e pães no forno à lenha para a família.

O primeiro marido foi o primeiro namorado, "o primeiro tudo", segundo ela, ele trabalhava em metalúrgica e após o casamento eles foram morar em Guarulhos. Ela contou que logo depois que eles se casaram, ele mudou completamente, passou a ser outro homem, autoritário, passou a ofendê-la com frequência, brigar sem motivos. "Eu tinha que ouvir coisas que não se fala nem na beira da estrada", disse ela. O primeiro filho (Helder) nasceu lá, num período da vida que alegou ter passado fome, ficava muito sozinha grávida e depois com o neném (não tinha familiares por lá). O marido passava o dia trabalhando e aos finais de semana reunia amigos para beber, depois brigava e fazia o inferno com a dona Teresa. Daí quando estava grávida do segundo filho (Daniel), sua mãe disse para ela vir embora.

Quando o segundo filho nasceu, na maternidade Gota de Leite em Araraquara, ela adoeceu e teve que ficar internada, seu pai levava o neném a cada três horas para mamar.

Contou que em Araraquara, o marido começou a ter um caso com outra mulher, e não fez muitos esforços para esconder esta relação. Chegou a sair de casa por duas vezes para morar com a outra mulher, mais dava uma semana e ele voltava, até que, na terceira vez, ela resolveu que se ele fosse, não voltaria mais. E ele acabou fazendo a mesma coisa: foi passar uns dias na outra mulher, mas quando retornou pra casa a Dona Teresa não deixou ele entrar mais. Fez ele ir embora por definitivo, foi quando começaram as discussões mais árduas. Neste período ela era faxineira diarista, fazia salgado, bolo, ovo da páscoa, pizza em casa e vendia para vizinhos para ganhar um dinheiro.

Após o término do primeiro casamento, ela precisava trabalhar em dois

empregos para manter a casa e os dois filhos pequenos. Começou a trabalhar em casa de família, das 8hs às 16hs, depois ia para sua casa, fazia comida e faxina, colocava os filhos para dormir às 20hs e saía às 21 horas para trabalhar na fábrica da Lupo, saía de lá direto para casa de família. Ou seja, ela tinha cinco horas para ficar com os filhos e cuidar da casa, o restante do tempo ela estava trabalhando para ganhar seus dois salários. Sua mãe faleceu neste período, então não tinha com quem deixar os filhos.

Depois que se separou do marido, este não ia mais ver os filhos. Ele trabalhava como motorista (Viação Paraty) e a pensão dos filhos era descontada do seu salário. Mas ela teve que ir um monte de vezes na empresa explicar e cobrar dele que havia se separado dela e não dos filhos. Por sua vez, ele vivia indo no portão da casa dela, gritava, xingava e ameaçava ela de abandonar os filhos.

A nova esposa do ex-marido trabalhava no fórum e reforçava a ameaça, isso só parou quando a dona Teresa ligou para ela e disse que era bom segurar o marido dentro de casa, pois ele vivia no portão de sua casa.

Relatou que ele fez um estrago na vida dela, deferindo palavrões sempre que a via, a humilhava na frente de todos, até que a gota d'água foi um dia que ela estava no terminal rodoviário esperando o ônibus com as colegas de trabalho para ir para fábrica da Lupo, quando ele parou o ônibus, abriu a porta e passou a xingá-la no meio do terminal. Ela disse que segurou firme e foi trabalhar. Neste dia, ele discutiu com ela porque havia combinado de buscar as crianças para levar para passear, porém, segundo a Dona Teresa, ele sempre prometia buscar os filhos e dificilmente aparecia. Este dia em específico, combinou de pegá-los no período da tarde, mas era noite e ele não havia aparecido, então ela pegou os dois filhos e foi com uma amiga e os filhos dela passear no clube Melusa e depois numa lanchonete. Quando ele a viu no terminal disse que ela estava levando os filhos dele pra noitada e ela ficou extremamente abalada, por ouvir aquilo na frente de suas colegas de trabalho. Disse que foi muita humilhação e ela estava apenas preocupada em sair para distrair os filhos e não ficarem pensando naquela coisa tipo, "o pai não veio buscar".

No dia seguinte tomou uma atitude drástica: colocou uma faca na cintura e foi na empresa (Paraty) esperar ele entrar no trabalho, achou que ele ia partir pra cima dela. Ficou com medo do que poderia acontecer, pois estava fora de si, não aguentava mais esta situação. Neste dia, ela disse que falou tudo que tinha pra falar, desabafou tudo que estava entalado. Depois ligou para a mulher dele e disse para ela cuidar de seu homem que ele estava atormentando a vida dela. Após isto ele se afastou da Dona Teresa, mas a relação continuou conturbada,

principalmente por conta dos dois filhos do casal. O filho mais velho tinha uma melhor relação com o pai, já o mais novo (Daniel) não gostava do pai, muito por conta de se sentir abandonado, de pequeno ele fugia de casa e ficava escondido jogando videogame.

A dona Teresa conta que não guarda mágoas e hoje em dia consegue até conversar com ele e com ela, mas na época passou muitas dificuldades. Tanto ele como a atual esposa eram casados quando começaram a ter um caso, então foi uma coisa errada desde o início. Ela acredita que isso tem relação com a condição da filha deles, hoje com 14 anos, disse que é uma jovem que tem ausência, tem esquecimentos e convulsões, se perde no meio da rua. Até hoje ele continua saindo da casa da mulher: nos contou que recentemente morou 4 meses na casa do filho mais velho (Helder, hoje casado e mora em Araraquara). Disse que é uma relação que nunca deu certo porque começou errado.

Com o passar do tempo e os filhos crescendo ela não aguentou trabalhar em dois lugares, o cansaço era grande, não tinha tempo para mais nada. Prestou concurso para trabalhar na prefeitura e conseguiu entrar (ela tem o ensino médio completo). Começou como berçarista e depois passou a ser agente educacional. O salário era menor, mas ela tinha mais estabilidade e tempo para ela, era mais perto de casa. Ela ficou doente, devido ao cansaço físico e mental, entrou em uma profunda depressão, pediu o afastamento da prefeitura e não queria mais sair de casa, Após reconhecer seu problema, foi procurar ajuda médica, passou por um médico psiquiatra e por psicólogos, para ajudar em sua recuperação. Foi quando começou acompanhar seu pai.

O pai de Dona Teresa foi casado com a mãe dela até os 78 anos, quando ficou viúvo e foi estudar Teologia. Virou padre e passou a visitar as igrejas da região realizando missas. No período Dona Teresa começou a acompanhar seu pai nas missas, foi quando teve seu primeiro contato com o assentamento, pois seu pai realizava missas no assentamento. Paralelo a isto, ela continuava a frequentar o terminal de ônibus, pois possuía amigas que havia feito em muitos anos esperando ônibus lá. Ela conheceu a futura cunhada nas feiras no terminal de integração. Contou que para ajudar a passar a depressão ela ia conversar com as assentadas que ficavam lá comercializando verduras: dona Nice, Madalena, Bárbara. Segundo ela, seu segundo casamento foi "arranjado" pelas amigas, com um assentado irmão de uma das mulheres que faziam feira no terminal (Bárbara).

Neste meio tempo, seu filho mais velho casou-se e foi morar com a mulher no

bairro Cecap II e tem uma filha¹⁴. Ele trabalha como gerente na drogaria São Paulo e a nora trabalha na Secretaria de Saúde de Araraquara. E a Dona Teresa, um pouco mais tranqüila, resolveu ir cuidar de sua vida: conheceu o irmão de sua amiga, foi morar com ele no lote, junto também com seu filho mais novo (Daniel, hoje com 26 anos). Alegou que com toda essa história, ela e os filhos criaram uma relação de muita amizade e cumplicidade, tem liberdade com os filhos.

O casamento com o assentado durou pouco. Um ano depois que ela foi morar no lote eles se casaram. Ficaram aproximadamente 3 anos casados mas acabaram de se separar. Ele entrou no assentamento bem em seu início, no núcleo IV. Quando Dona Teresa foi morar com ele, o assentado estava se recuperando de um câncer e por isto seu lote se encontrava praticamente parado, ou seja, sem nenhuma atividade produtiva. Ele trabalhava na usina e ficou doente, foi afastado e depois de um tempo cortaram seu benefício. Estava vivendo de doações do hospital de Ribeirão e recebia cesta básica da comunidade, "vinha pó de café de um, lata de óleo de outro", disse ela.

Ela reordenou a vida dele, começou a investir no lote, comprou algumas galinhas, porcos, investiu em uma horta, plantaram cana com a usina, milho, feijão, abóbora e frutas. fez reforma na casa com material de construção que ela trouxe de sua casa de Araraquara, ampliou dois cômodos da casa. Relatou inclusive que levou o marido para a praia pela primeira vez na vida, com 60 anos ele nunca havia visto o mar. Foram para Ubatuba passar alguns dias. Achou que tinha casado "até que a morte os separem", disse que casou achando que seria para sempre.

No período que viveu no lote com ele, dona Teresa e seu filho ajudavam no trabalho do lote, ela fazia feira aos domingos em Matão. Além disso, voltou para seu trabalho na escola do assentamento, então também vendia a produção para os funcionários da escola. Fato interessante é que a Dona Teresa leva todos os dias o resto de comida da merenda escolar para casa, e fornece como lavagem aos porcos. Segundo ela, com relação à produção de licor, sempre teve vontade de fazer como a mãe fazia. Viu uma reportagem na televisão e começou a procurar receitas na internet, daí teve a ideia de começar a fazer licor com frutas do lote.

¹⁴Ela disse que no dia anterior da nossa conversa tinha sido aniversário de 7 anos da neta e ela foi para a cidade na festinha. A neta gosta muito da avó e vive pedindo para ir morar com ela no sítio. Toma banho com a neta, tem liberdade também com a nora, segundo ela, fatores que traz felicidade para sua vida.

Comprou vidrinhos em São Paulo para envasar e comercializar os licores de jabuticaba, amarula, jenipapo, limão, coco, morango, hortelã com mel, dentre outros sabores.

O filho (Daniel) também gosta daqui e quer ficar. Veio para o assentamento com 21 anos, até então também nunca havia morado em sítio, apenas na cidade. Trouxe novas perspectivas de trabalho consigo, montou uma espécie de gráfica em sua casa, faz convites de casamento dos assentados, aniversários, festas em geral, etc. Ele fez cursos de Autocad e outros no colégio industrial. Porém, quando entrou no assentamento foi trabalhar na parte administrativa na cooperativa do núcleo IV, agora está trabalhando na Citrosuco, também na parte administrativa, pois sua impressora quebrou e ele está juntando dinheiro para consertá-la. Ele que faz os materiais de divulgação e rótulos dos produtos da mãe. Novas perspectivas de atividades não agrícolas que podem interferir na permanência dos jovens no assentamento.

Em dezembro de 2012, ela se separou novamente. De comum acordo ela saiu do lote e não reclamou nada das benfeitorias que fez no lote do ex-marido. Agora está morando numa casinha no lote de sua madrinha no núcleo III (embora denomine a dona Cida de madrinha, não confirmamos se elas têm parentesco de fato). Sua vinda pra cá foi uma opção dela, porque tem até casa em Araraquara, mas não quer voltar a morar na cidade de jeito nenhum. Segundo ela, "aqui é sossegado, tem um barulhinho bom de manhã, é uma benção, é um paraíso, não iria para a cidade nem pra morar numa mansão".

Sua madrinha possui uma capela no lote, onde são feitas missas semanais, ela relatou o grande número de pessoas que frequentam o lote, seja para conversar, seja para missa, para receberem benção, para almoçar. Sua madrinha participou em um momento da conversa¹⁵ e disse que no dia anterior tinha feito almoço duas vezes: fez uma vez e almoçou com visitas de Matão, depois chegaram mais alguns compadres e ela foi fazer mais arroz, feijão, mistura, etc. Não gosta de comida que fica requentando, tem que ser fresquinho e ela vai para a cozinha arrumar a refeição rapidinho.

Pedimos para ela descrever um pouco sua rotina no lote, disse que nos últimos tempos andava muito sozinha, o marido está doente e não está mais trabalhando

¹⁵Foi quando ela saiu da cozinha e foi até o fundo do lote colher uma pimenta para temperar a comida, que estava sendo preparada para o jantar. Estava fazendo arroz, toucinho, repolho (com a referida pimenta) e farofa.

pesado no lote. Disse que lembra dele roçando pra cima e pra baixo e que agora está quieto em casa, porque sofreu um derrame. Ela acorda cedo para tratar dos porcos, depois volta à casa para fazer o café, varre a casa, cuida da louça. Daí já começa a chegar gente por conta da igreja, depois faz almoço, depois chega mais gente. A dona Teresa lembrou que a madrinha poda árvore¹⁶, varre todo o lote (não só a casa), planta coisas, inclusive remédio (está querendo plantar a planta com a qual ela sabe fazer mercúrio, já está com as mudas). Ela plantou cana com a usina e depois parou, agora está investindo mais em abacaxi, milho e mandioca. Tem também horta com tudo um pouco. Costumava ir fazer feira em Matão e Araraquara, agora com o marido doente não está mais saindo tanto, está vendendo para a cooperativa do núcleo IV do Monte Alegre.

Está achando muito bom a dona Teresa estar aqui agora, elas se ajudam muito. E vimos que dona Cida arrumou uma casinha bem aconchegante. Antes estava passando dificuldades com o marido quando ele precisava de cuidados de madrugada, saía pela rua para pedir a alguém que tinha carro para ajudá-la. Agora com a Dona Teresa morando ao lado fica mais fácil, pois tanto ela como seu filho possuem carro, e caso aconteça algo com seu marido eles podem levá-lo até o hospital da cidade.

A perspectiva do trabalho fora dos assentamentos

Todos os dias, no assentamento Bela Vista saem em torno 30 mulheres que trabalham na cidade de Araraquara. Algumas já cumprem esta rotina há mais de 20 anos. Relatam que foi uma opção no intuito de ajudar na composição da renda da familiar.

Passados esses anos elas afirmam que ganharam autonomia de decisão no que tange aos recursos por elas recebidos. Embora continuem contribuindo no orçamento familiar, são elas que priorizam o que fazer com o dinheiro.

Afirma uma assentada que participa desta rotina desde o início, que chegou a sair da agrovila para morar no lote e viver somente da renda do mesmo. Todavia, mesmo aplicando sua força de trabalho no lote não foi possível conseguir uma renda satisfatória. Então ela decidiu trabalhar fora do assentamento. Disse ter enfrentado muito preconceito por ter tomado tal decisão, mas garante que foi essa renda extra que possibilitou a família viver em melhores condições.

¹⁶No momento da conversa, Dona Cida apontou para escada encostada em uma árvore próxima de sua casa, a qual ela usa para subir nas árvores e podá-las.

É preciso considerar que a saída das mulheres titulares de lote para trabalhar fora do lote ou do assentamento tem implicado problemas na questão da aposentadoria. Isto porque elas deixam a condição de segurado especial como é previsto para os beneficiários da Reforma Agrária. Outra questão, diz respeito aos parâmetros da Agricultura familiar que preconiza a direção da unidade produtiva (lote) deve ser exercida pela família e a produção realizada pelo grupo familiar. Desta forma quando as mulheres saem para exercer atividades fora do lote, ficam em desacordo com os parâmetros legais da Reforma Agrária.

No assentamento Bela Vista do Chibarro, há casos de mulheres notificadas pelo órgão gestor do assentamento, o INCRA, por exercer atividades fora do lote. Todavia, elas assumem os riscos de suas decisões e, ano a ano, mais mulheres estão saindo dos seus lotes para exercer atividades que garantam mais renda e autonomia para elas.

Sair do trabalho do lote não significa sair do assentamento para trabalhar, isto porque na medida em que o assentamento foi se estruturando, postos de empregos foram sendo criados dentro da comunidade. No caso do assentamento Bela Vista do Chibarro a creche, a escola e o posto de saúde empregam 15 mulheres assentadas. Estes postos são preenchidos em sua maioria por titulares do lote, pois a escolha das candidatas parte sempre da idéia de que uma mulher com família constituída tem mais responsabilidades e compromissos do que uma jovem que, por exemplo, procura um primeiro emprego.

Por isso, não vemos jovens ocupar esses cargos no assentamento. As encontramos no ônibus indo trabalhar na cidade, ocupam cargos como vendedoras auxiliar de escritório, caixas etc. São raros os casos das que exercem a profissão de domésticas, mas sim na condição de diarista, uma ou duas vezes por semana.

Por outro lado vale a pena destacar que as mulheres do assentamento que dirigem seus lotes tem galgado destaque principalmente no campo da produção e da política do assentamento. Algumas mulheres têm assumido a direção dos lotes e tem influenciado nas direções das questões do assentamento o que tem interferido positivamente no território totalmente masculinizado como, por exemplo, o da produção. Em seus lotes podem ser observados maior diversificação de culturas, aspectos mais agroecológicos na produção. Essas mulheres dirigem o lote sempre com a ajuda dos filhos homens e estão dando oportunidade para outra categoria no assentamento, os jovens. Esta abertura tem alterado as relações de poder e incluído novos sujeitos.

No campo político atuam sempre em relação às demandas educacionais, de

saúde e infraestrutura. Nas reuniões em que são tratadas essas questões são as mulheres as que mais participam e atuam tanto na elaboração das propostas quanto na cobrança para execução das mesmas.

Grupo da padaria: a resistência que vem dando certo (assentamento Monte Alegre VI)

Trata-se do grupo de mulheres que já acompanhamos desde sua criação. Começaram a produzir pães na cozinha da escola do assentamento e no ano de 2008 conseguiram a construção e os equipamentos para abrir uma padaria com verba da prefeitura, conseguida por meio da participação no Orçamento Participativo. Constituíram uma associação (AMA – Associação de Mulheres do Assentamento Monte Alegre).

A primeira coisa que elas nos apontaram sobre as mudanças no grupo refere-se ao novo rol de produtos. Elas estão testando usar mini-formas (de papel) para fazer um bolo de laranja tipo *cup cake*. A receita é a mesma do bolo de laranja normal, porém o formato é outro, o que muda muito a apresentação do produto. Talvez uma maneira de comercializar o bolo para consumo imediato, como se come um salgado na padaria. Havia apenas 10 produtos que eram feitos com mais regularidade. Agora, segundo ela, são aproximadamente 35.

Alguns desses produtos são: broinha de fubá, bolo de laranja, bolo de banana, bolo de milho verde, pão de queijo e os saquinhos de amendoim doce e salgado. Outros que estão sendo feitos com frequência são os mini-pães (de sabores variados como os de goiabada), comercializados em saquinhos. Outros produtos são feitos mais sob encomenda, mas também com alguma frequência: bolo de mandioca e bolo de fubá cremoso, pois são usados ingredientes que estragam mais rápido.

As linhas de comercialização estão aumentando, bem como as quantidades comercializadas na própria padaria e no terminal urbano de Araraquara. Em Bueno de Andrada (distrito de Araraquara), elas colocam barraquinha aos domingos e agora está para ser inaugurado um espaço permanente de comercialização, no interior da antiga estação de trem do distrito. Este espaço será conjunto para elas, as mulheres do doce (núcleo III), a família da cachaça e a outra da mulher que faz licor. Além do espaço novo, elas estão servindo *coffe-breaks* em diferentes espaços. Por exemplo: nos simpósios e projetos na UNIARA, na Câmara dos Vereadores e em um salão do exército, em Araraquara, no Gaia (Festival cultural promovido pela Unesp/Araraquara), Festival Contato (festival da Economia Solidária, em São Carlos), Feira de

orgânicos no parque da Água Branca (por meio da Fundação ITESP, em São Paulo).

Além desses aspectos de diversificação da linha de produtos e da comercialização, pudemos notar que outras questões também foram dinamizadas no último período, tanto interna quanto externamente à padaria. Primeiro, como é sabido, a associação conta com mais mulheres do que aquelas que trabalham na padaria. Atualmente são 10 associadas, mas recentemente este número estava em 15. Houve um caso em que a mulher foi embora do assentamento. Outra não pagava a mensalidade há mais de um ano. Houve as que não viam perspectivas em permanecer na associação ou achavam que não era para elas. Outras, ainda, estavam associadas para tentar algum outro projeto pela associação, mas acabaram mudando para a cooperativa no núcleo IV, para trabalhar com horta para o PAA (conforme ela mencionou, a cooperativa do Saraiva, que trabalha com horta convencional e hidropônica). Foi o caso da Tânia, cujo marido entrou para essa cooperativa. Cada uma das associadas contribui com uma mensalidade de R\$ 15,00. Apenas 4 mulheres trabalham efetivamente na padaria e há uma que trabalha diariamente com as vendas no terminal de Araraquara.

Por outro lado, foram três rápidas mudanças na composição da equipe que trabalha na padaria. A Zilda, uma das pioneiras, teve que sair por questões de saúde do seu marido (soubemos que ele bebe, dentre outros problemas de saúde). Em seu lugar entrou a Marlene, que logo saiu por que foi chamada para trabalhar na faxina da escola, através de contrato com a empresa terceirizada Gocil. Logo em seguida entrou a Maria, uma assentada que é sozinha com dois filhos. Ela estava desesperadamente à procura de trabalho, conhecia as mulheres da padaria e acabou sendo a escolhida para entrar no lugar da Marlene. Ela ficou pouco tempo, pois logo foi chamada pela Viação Paraty para o cargo de monitora do ônibus escolar do assentamento. Na entrevista com a dona Maria ela disse que adora trabalhar na padaria, mas que o trabalho na Paraty é melhor para ela pela jornada de trabalho (ela trabalha quando o ônibus vai levar e buscar as crianças dos lotes para a escola) e por ter folga nos finais de semana, assim pode cuidar dos filhos, da casa e do lote. Esta assentada relatou que quando trabalhava na padaria, a horta em seu lote ficou "abandonada", pois ela não tinha tempo para cuidar melhor das produções do lote. Agora, no novo emprego e com as folgas entre os turnos ela retomou a horta e está se dedicando mais ao lote, ao trabalho de dona de casa e, como visto acima, a um maior tempo despendido para cuidar dos dois filhos – este, um dos principais motivos segundo ela.

Com a saída de Maria, foi chamada a Sueli, uma mulher que cuida da mãe de

79 anos (segundo as assentadas, em ótimo estado de saúde, apesar das "escapadas de marcha" que vem dando, por exemplo, com os fogões à lenha e a gás). Ela estava fazendo faxina em Matão, portanto o trabalho na padaria foi muito bem vindo, assim não precisa deixar o assentamento por muito tempo. Antes de trabalhar fazendo faxina, ela disse que já trabalhou muito na roça e trabalhou em hospital. Perguntamos se ela tinha experiência com a fabricação de pães em casa, ela afirmou que é de origem italiana e alemã, portanto não tem jeito de não possuir essa experiência em casa. Inclusive, a receita do bolo de laranja acima mencionado foi trazida por esta assentada, o que de certa forma mostra as mudanças na produção advindas da dinâmica da associação e da inserção de novas integrantes.

A pergunta sobre a experiência anterior no fabrico de pães e bolos surgiu em um momento da conversa em que a Cássia falava que nesses episódios de troca de integrantes, houve uma divergência com outra integrante da padaria que, queria que suas filhas entrassem para trabalhar na padaria. Mas a Cássia falou que acha que as meninas não têm responsabilidade para trabalhar lá. Não é porque elas são mais novas (pois de fato não são tão novas assim), porém ela acredita que elas não gostam de acordar cedo e isso é fundamental para a Cássia, quando afirma que: "a rotina aqui é louca".

Vale destacar ainda dois aspectos importantes vistos como internos desta forma associativa. Uma, que a Alzira está de férias, ou seja, elas conseguem pagar o salário da Alzira mesmo em período de férias, sem trazer outra para seu lugar, de modo que as três que não estão de férias trabalham mais para cobrir a ausência de uma delas. A Alzira tem um filho que trabalha na Embraer que casou no último fim de semana, outro filho seu que mora em Curitiba veio ao casamento, então ela tirou férias para poder ajudar e curtir esse momento com a família.

Outra, que a Cássia está fazendo há quase um ano diversos cursos para se aprimorar na parte administrativa. É um curso em administração, computação e recursos humanos, pelo Sebrac, toda quarta-feira em Araraquara. A associação paga R\$ 90,00 por mês para ela fazer os cursos, trata-se de um dinheiro que seria pago para a parte de escritório da associação e que a Cássia acaba assumindo. Esta preocupação com a parte administrativa chama a atenção, pois é um dos principais gargalos das mulheres. No momento da visita foi possível observar tal dificuldade: a nova integrante da padaria, a Sueli, atendeu um cliente que pediu um guaraná que custava R\$3,50, o cliente deu uma nota de R\$5,00 para pagar o guaraná e foi nítida a dificuldade da Sueli em saber qual o valor do troco. Ela ficou por um tempo fazendo a conta na cabeça e depois confirmou

com a Cássia se o troco era de R\$1,50. Fora isso, como já havíamos notado em outras visitas, as demais também têm dificuldades para fazer os cálculos e o caderno em que elas anotam a movimentação das vendas no local é muito desorganizado. A própria Cássia nos disse que os cursos não estão ajudando tanto, primeiro porque é pouco tempo (apenas uma hora e uma vez por semana), mas porque ela também sente dificuldades nesta área.

Externamente à padaria também foi possível observar mudanças. Essas mulheres estão de fato em relação com vários outros agentes desde o início da luta com a prefeitura e outras instituições para consecução da padaria. Atualmente, observa-se uma atuação mais ativa da Fundação ITESP no sentido de levar a produção delas para a feira orgânica em São Paulo e na articulação do curso sobre Turismo Rural e com o Fundo Social do estado de São Paulo. No curso, trata-se do segundo módulo de um curso que agrega outros grupos do assentamento numa proposta de impulsionar o turismo rural. Além delas, o grupo de mulheres dos doces, da cachaça e licor e de um pesque-pague do assentamento. Em decorrência da participação neste curso está saindo um novo espaço de vendas na antiga estação de trem de Bueno de Andrada, como mencionado antes. Quando ocorrem os módulos, são três dias de curso e elas fornecem o lanche e a Alessandra (dos doces do núcleo III) fornece o jantar. A intenção é aproveitar o potencial turístico de Bueno de Andrada para promover o assentamento e seus produtos.

Já com o Fundo Social, houve uma articulação para elas fazerem um curso em São Paulo, sobre a produção de pães e bolos e elas receberam um livro de receitas¹⁷. Foram ao curso a Alzira e a Regina. No final, foi entregue numa solenidade para as participantes um "kit cozinha", que a Cássia foi receber da própria Lú Alckmin, composto por: um forno, um liquidificador, oito formas e duas placas (de propaganda). Nota-se que são placas enormes de propaganda que destacam a benfeitoria do Fundo Social e enfatizam a característica artesanal da padaria. Uma delas foi instalada ao lado da placa da prefeitura (governo Edinho), referente à criação da padaria, em 2008. Os demais equipamentos não

¹⁷Folheamos o livro de receitas e, para nossa surpresa, havia uma receita de pão de maça. Parece lógica a opção das mulheres em não fazer o pão de maça, uma vez que a maioria dos produtos é feita com matérias-primas que podem ser obtidas no próprio assentamento, de preferência nos próprios lotes das mulheres da associação – tal como mandioca, cenoura, banana, milho verde, ovos, leite, nata etc.

são relevantes, já que elas já tinham dois fornos e este ganho agora não está tendo muita serventia no dia a dia. O que elas queriam mesmo e sempre reivindicam não veio: uma masseira capaz de bater 25 Kg de massa, ao invés do atual que tem capacidade para 6 Kg apenas.

Vale mencionar que a Cássia entrega parte da produção do seu lote no PAA. Ela quis nos dizer de sua felicidade, pois acaba de sair sua DAP (antes, ela e o marido não tinham). Ela entregava pela DAP da Nice (pioneira na luta pela padaria, que hoje faz parte apenas da associação). Ela se referia à produção do lote dela, porque a produção da padaria não entra ainda no PAA. Segundo ela, isso se reflete na falta de vontade política do prefeito, para que a produção de pães e bolos entre pelo menos na merenda da escola do assentamento (vizinho da cerca da padaria). Mas, também, na falta de uma DAP jurídica para a associação, para que seja possível sua inserção em programas como o PAA.

O grupo da cozinha: uma experiência truncada no Monte Alegre III

Em nossas visitas foi nítido o desânimo com o grupo nos últimos tempos. A dona Alessandra disse que não tem mais o grupo de mulheres dos doces e que ela terá que colocar o grupo junto com o dos homens. Há uma associação recentemente criada e comandada por assentados do núcleo III, da qual o grupo de mulheres dos doces tende a participar.

Nos últimos tempos ela tem trabalhado sozinha e atendido apenas por encomenda (principalmente Araraquara). Os técnicos do Itesp têm dado uma força no sentido de levar produtos a feiras como Água Branca em São Paulo. Tem feito doces de leite cremoso e em pedaço, paçoca e pé de moleque, mamão, jaca, abóbora com coco, dentre outros. Reclamou que é muito trabalho, só o doce de leite são mais de quatro horas e meia mexendo o doce na panela, depois tem que tirar, é pesado e está quente, tem que processar a embalagem (por exemplo, o doce em pedaço, colocado antes em formas).

Atualmente, o grupo em si está em plena reconstrução. Da última vez que ela nos falou que havia um grupo, no qual estavam a dona Alessandra, a Carla e outra assentada. A Carla, jovem do assentamento, saiu do grupo para ter neném e a outra preferiu fazer os doces sozinha, em seu próprio lote. Então a dona Alessandra passou esse período sozinha e sem muitas perspectivas. Agora, além da volta de Carla, que já colocou seu filho na creche, outras duas estão se aproximando. A dona Alessandra tem uma irmã, dona Dita, que estava morando em Santo André/SP e acabou vindo morar com a irmã no assentamento. Ela era cuidadora de idosos lá e não aguentava mais morar na Grande São Paulo. Outra

possível integrante pode estar vindo morar no assentamento, a esposa do Sr. Zé – um dos assentados que comandam a associação – que atualmente mora com os pais em Taquaritinga para poder trabalhar em um restaurante na cidade.

Outra perspectiva que se abriu ao grupo foi a participação da dona Alessandra no curso do Fundo Social de Solidariedade, no qual recebeu o kit padaria (como o grupo da padaria, do núcleo VI). Então sua perspectiva é ampliar a produção não apenas para doces. Nesse curso, ela pediu para que o próximo seja um curso de confeitaria, além de continuar com a intenção de trabalhar com massas frescas (são demandas antigas dela).

Já no curso sobre Turismo Rural, também descrito no diário sobre a padaria, ela tem a perspectiva de um novo ponto de venda bastante relevante, na estação de trem de Bueno de Andrada. Durante o curso, dona Alessandra ficou responsável por preparar o jantar, o que lhe garantiu alguma renda no período. O curso focou também um lote que tem pesqueiro, possivelmente um local no qual sejam servidos lanches e refeições. Outro lugar possível de turismo no assentamento é o lote dos 3 Ramos, no núcleo III. Lá existe um rancho que a família aluga para festas, faz almoço caipira, contrata violeiros e até organiza visitas monitoradas a uma cachoeira do assentamento. Ela disse que nesses lugares vêm ocorrendo encontros de motociclistas e jipeiros, comitivas de cavalaria de Matão.

A tendência desse grupo se fortalecer a partir da atuação na associação é real, na medida em que as assentadas já participam da associação comercializando produtos de seus lotes como mandioca, abacate, limão etc., para o PAA. Pela associação, pode aumentar a demanda pelo ingresso de outros produtos na merenda escolar do município, como os doces. Isso foi debatido entre nós em um momento posterior da conversa, quando o Sr. Zé já participava e falava do objetivo da associação em atingir a cota de R\$ 3.500,00 por família no ano.

Conclusões

Passamos em revista experiências diferenciadas. As respostas do Estado, como vimos, têm oscilado em um terreno de omissões, irrealizações, sinais de alento. Mudanças recentes na política nacional de assentamentos rurais incorporarem, do ponto de vista legal, questões de gênero. Foram abertos novos horizontes, no campo da titulação, do crédito agrícola e da assistência técnica. Entretanto, a maior participação das mulheres nas decisões também deriva – mesmo que não exclusivamente – das formas de dominação discriminatória.

Publicizou-se uma pauta de políticas que poderia, em princípio, fortalecer a condição de agricultora das mulheres rurais. Questões como crédito, programas

de geração de renda e formação profissional, comercialização de produção da agricultura familiar, acesso à documentação básica, saem do campo das invisibilidades e se põem como reivindicações transformadas em direitos. A trama de tensões exigiu do Estado respostas a uma mudança efetiva de propostas de políticas públicas. Avançou-se nas conquistas obtidas com a constituição de 1988: acesso ao programa de Assistência ao Trabalhador Rural, entrada na previdência rural a partir de 1992. Há mudanças conseqüentes que a aposentadoria trouxe à vida das trabalhadoras rurais idosas, ainda que, inegavelmente, a legalidade não traga, por si só, mudanças efetivas nos papéis das mulheres trabalhadoras.

Constatou-se que, em muitos casos, aposentadoria é sinônimo de esquecimento, de agudização dos temores, o que aparece extravazado em muitos depoimentos "já não enxergo direito, tenho problemas nos braços e na coluna, não sou preguiçosa, mas minhas forças diminuíram e estão falando que o INCRA vai me tirar daqui". Depoimentos que colocam no centro dos problemas, o futuro dos assentamentos, a dificuldade de cumprir as metas de produtividade postas pelos órgãos gestores, a perda da autoestima dentre outros fatores que exigem uma análise continuada. Ainda mais, constatou-se dificuldades para as mulheres conquistarem a aposentadoria, em vista de não comprovação legal de seu trabalho.

No campo das associações, da politização de espaços de sociabilidade, as mulheres começaram por tomar a dianteira em questões de infra-estrutura, em reivindicações apresentadas às Prefeituras. A partir dessas iniciativas, começaram a discutir formas de complementar a renda. Por outra entrada, a emergência das mulheres rurais nos movimentos sociais proporcionou seu aparecimento como sujeito político, constituindo espaços importantes de ressignificação de suas atividades produtivas.

Nesses pontos de reflexão final, podemos afirmar que a inserção das mulheres rurais no campo político tem possibilitado um aprendizado coletivo, com a ressalva de que este é um campo de forças no qual relações de gênero se fazem presentes. Existe a perspectiva de fomentar uma rede de comunicação que permita às trabalhadoras a incorporação de um saber/poder que deve ter irradiações no processo de ação/decisão no interior dos assentamentos e fora deles.

Neste contexto, o fato do orçamento participativo ter se estendido à ampliada presença das mulheres representou um divisor de águas que não pode ser desconsiderado. Normalmente excluídas das decisões sobre comercialização/gestão produtiva, as mulheres assentadas acabaram tendo peso decisivo na

escolha das prioridades do Orçamento Participativo, responsáveis, em parte, pelo atual delineamento de novas estratégias produtivas/reprodutivas.

A abertura do poder público municipal não se deu sem atalhos e muitos paradoxos, pois a prática de ampliar a participação popular se mesclou a muitos traços de clientelismos e de uma cultura da dádiva. Como afirmamos, a construção de uma nova identidade política mediada pelos novos horizontes que se abrem timidamente no campo das políticas públicas não implica necessariamente em rompimento com as formas de dominação anteriormente vigentes no interior das famílias. Novos lugares foram constituídos pelos movimentos sociais, pelos formuladores das práticas públicas. Os mesmos não trazem, magicamente, como consequência, uma (re)socialização que inverta posições naturalizadas e, de fato, leve a mulher a entrar no campo dos direitos em todas as dimensões da vida social.

Entretanto, pode-se afirmar que o papel da mulher nos dias atuais tem superado em parte aqueles que se consolidaram historicamente (qual seja, o de procriar e cuidar da família), acrescentando outros espaços que vêm conquistando, que não aqueles da esfera doméstica. Mudanças vêm ocorrendo e as mulheres parecem mais participativas nas tomadas das decisões. As políticas públicas, por vezes, não focam o segmento feminino. Outras vezes, são limitadas as informações das assentadas sobre as possibilidades de utilização de crédito.

Discutimos, igualmente, diferentes expressões de protagonismo que foram ressaltadas no fato das mulheres assumirem o comando das atividades que geram diversificação. Neste sentido, têm, de certa forma, se contraposto aos modelos tracionais que insistem em naturalizar a divisão do trabalho e da vida cotidiana entre homem e mulher. Através dos depoimentos apresentados, desvendam-se estratégias diferenciadas de protagonismo, algumas mais destacadas no aspecto produtivo, outras na capacidade de comando, no assumir a voz política do grupo ou ainda no reconhecimento do que é importante para sua autoestima.

Expressões de protagonismo não podem ser analisadas, em si mesmas como demonstrações de mudanças nas formas de denominação nos papéis atribuídos às mulheres. Algumas mulheres quando tentam sair deste ciclo de invisibilidades, utilizam como estratégia de protagonismo (involuntária muitas vezes) a masculinização para serem aceitas na roda dos homens, expressa na forma de se vestir, na postura e na voz de comando. Mas o fato delas serem aceitas nos espaços de decisão ainda está mais relacionado ao estado civil (viúvas ou separadas) ou a uma liderança mais espontânea de algumas mulheres que estão desde a luta pela terra no comando de atividades produtivas.

No caso das mulheres sozinhas, constatou-se maior dificuldade na obtenção da DAPs, o que prejudica sua inserção no fluxo da produção/comercialização.

Nas situações em que as mulheres ficaram sozinhas após o falecimento dos pais, há outra ordem de problemas a considerar. Quando as mesmas trabalharam fora em atividades não agrícolas, mas diretamente relacionadas aos interesses dos assentados, ao voltarem para o lote por terem sido demitidas ou outras situações, não têm encontrado a tutela jurídica para que possam assumir, de fato, os lotes registrados em nome de seus falecidos pais. Um vai e vem de documentação solicitada junta-se a omissões por parte do órgão gestor, o que acaba por levar a mulher solteira sozinha a viver sob incertezas e ameaças.

Podemos, finalmente afirmar que as mulheres, cujo trabalho aparece, via de regra, envolto em preconceitos e discriminações, têm na casa, na formação de grupos diversificados de produção, na busca do resgate de história/memória de suas lutas, mostrado que a constituição e a trajetória dos assentamentos têm que levar em conta, necessariamente, o protagonismo das assentadas rurais.

Por outro lado os dados da pesquisa nos permitem contestar algumas afirmações sobre a situação e posição social das mulheres nos assentamentos estudados. Do trabalho produtivo realizado pelas mulheres, embora ainda se confunda muito com a produção para o autoconsumo, tem sido mais visível a atuação da mulher em distintas atividades, agrícolas. Nestes dados reconhecemos o quão importante é o trabalho das mulheres para assegurar o bem-estar da família, não apenas no provimento da alimentação, mas também na geração da renda.

Embora as relações patriarcais ainda sejam bastante fortes nos assentamentos, algumas perspectivas em relação à visibilidade das atividades femininas dentro do lote vêm se modificando. A presença do trabalho feminino em outras atividades que não diretamente relacionadas ao consumo familiar pode ser encarada como a maior participação do desenvolvimento do lote pelas mulheres, a partir do momento em que estas deixam de serem responsáveis apenas pela reprodução social da família e passam a influenciar na renda familiar.

Os programas que incentivam a produção, como o PAA, podem ser encarados como canais possíveis de garantir uma maior autonomia financeira e uma maior visibilidade para as mulheres nos lotes. Isto porque, com o PAA, o que era meramente subestimado como subsistência – como as hortas e pomares – passa a gerar renda e garantir o sustento da família. Constatou-se a tendência dos homens estarem ocupando os espaços produtivos antes atribuídos às mulheres, quando os mesmos passam a entrar numa cadeia de comercialização. Ou seja, quando a atividade gera renda, os homens se apropriam dela. A relação

entre as mulheres e o PAA exige reflexões sobre o viés masculino que ainda pode ser percebido nas políticas públicas com recorte de gênero.

A comparação destes dados reforça a importância das ações afirmativas e de órgãos mediadores na busca pelo "empoderamento" das mulheres, contribuindo para o aumento da autoestima e a diminuição das disparidades de direitos reservados a homens e mulheres nas relações do cotidiano.

A pesquisa tem demonstrado a construção de uma nova identidade política mediada pelos novos horizontes que se abrem timidamente no campo das políticas públicas, o que não implica necessariamente, como reiterado, em rompimento com expressões de patriarcalismo e da desigualdade de gênero vigentes no interior das famílias.

Certamente, as práticas que realmente movem as mulheres – sua responsabilidade pelo autoconsumo, no cuidado com a casa e com a família – são desqualificadas pelo modelo de economia convencional. Entretanto, há que se considerar a relação entre cidadania, políticas públicas e trabalhadoras rurais não somente pela lógica do mercado e da consecução de renda, mas jogar luz às questões essenciais como a economia feminina e a satisfação das necessidades humanas.

Referências

BARBERO, J.M. **Dos Meios às Mediações comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4.^a ed., 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRASIL, **Presidência da República**. Lei N.º 11.947, de 16 junho 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/ae-legislacao>>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2013.

BRUMER, Anita. Gênero e geração em assentamentos de reforma agrária. In: FERRANTE, V.L.S.B.; ALY JR, O. **Assentamentos Rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos)**. São Paulo: INCRA, 2005, p.351-371.

BUTTO, A., HORA, K. Ater para Mulheres – a experiência recente do

governo federal. **Cadernos Feministas de Economia & Política**. "Assessoria Técnica com Mulheres: uma abordagem feminista e agroecológica". Recife: Casa da Mulher do Nordeste, n.4, 2008.

DUVAL, H.C. **Da Terra ao Prato**: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural. 2009. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural). Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2009.

FERRANTE, Vera Lúcia S.B.; DUVAL, Henrique Carmona. Lugares atribuídos e espaços conquistados pelas assentadas rurais. **Revista Perspectivas**. São Paulo, v. 40, p. 15-39, jul./dez. 2011.

FERRANTE, V.L.S.B.; DUVAL, H. C. **Mulheres assentadas na região central do estado de São Paulo: papéis em transformação**. Estudos Universitários (UFPE), 2012.

GOMES, T. P. de S. G. Araraquara: Assentamento Bela Vista de Araraquara, 2010. 1 gravador (54 min). Entrevista concedida à Pesquisa **De saberes não oficiais a lugares da patrimonialidade imaterial**: um estudo da transmissão de conhecimentos tradicionais em assentamento rural, da UNESP/SP, 2011.

MASCARO, Luciana Pelaes. Arquitetura e Modo de Vida no Assentamento Rural Bela Vista do Chibarro. Dissertação de Mestrado. EESC/USP, São Carlos, 2003.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **A feminização do mundo do trabalho**. Campinas/SP. Autores Associados, 2004.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

WOORTMANN, Ellen. Fuga a três vozes. **Anuário Antropológico**, Brasília/DF, v.91, Ed. UnB, 1993.

_____. Prática eco-agrícolas tradicionais: ontem e hoje. In FERRANTE, Vera Lúcia S. B.. (Org.). **Retrato de Assentamentos**. Araraquara, n.14, vol. 2, 2011.